



Boletim Agropecuário

Nº 152, jan./2026



Governador do Estado
Jorginho dos Santos Mello

Secretário de Estado da Agricultura e Pecuária
Carlos Chiodini

Presidente da Epagri
Dirceu Leite

Diretores

Andréia de Fátima de Meira Batista F. Schlickmann
Ensino Agrotécnico

Fabrícia Hoffmann Maria
Administração e Finanças

Gustavo Gimi Santos Claudino
Extensão Rural e Pesqueira

Jurandi Teodoro Gugel
Desenvolvimento Institucional

Reney Dorow
Ciência, Tecnologia e Inovação



Empresa de Pesquisa Agropecuária
e Extensão Rural de Santa Catarina

Boletim Agropecuário

Nº 152, jan./2026

Autores desta edição

Andréa Castelo Branco Brasileiro-Assing
Alexandre Luís Giehl
Haroldo Tavares Elias
Lillian Bastian



Florianópolis
2026

Empresa de Pesquisa Agropecuária e Extensão Rural de Santa Catarina (Epagri)

Rodovia Admar Gonzaga, 1347 – Itacorubi
Florianópolis, SC – Brasil – CEP 88034-901
Fone: (48) 3665-5000
Site: www.epagri.sc.gov.br
E-mail: epagri@epagri.sc.gov.br

Editado pelo Centro de Socioeconomia e Planejamento Agrícola (Epagri/Cepa)

Rodovia Admar Gonzaga, 1347, Itacorubi
Florianópolis, SC – Brasil – CEP 88034-901
Fone: (48) 3665-5078
Site: <https://cepa.epagri.sc.gov.br/>
E-mail: online@epagri.sc.gov.br

Coordenação: Luis Augusto Araujo

Colaboração:

Adelina Cecilia de Andrade Berns
Andriele Caroline De Morais
Bruna Parente Porto
Catherine Amorim
Édila Gonçalves Botelho
Emile Dayara Rabelo Santana

Evandro Uberdan Anater
Gabriella Cristina Sevald
Lucas Trindade Borges
Maiara Antunes
Valdenize Pianaro
Valmir Kretschmer

Diagramação: Sidaura Lessa Graciosa

Capa: Bianca Ariela Eickel Barel

Edição: jan/2026 – (on-line)

É permitida a reprodução parcial deste trabalho desde que citada a fonte.

Ficha Catalográfica

Boletim Agropecuário. Florianópolis: Epagri, n.1 (2014)

Publicação iniciada em maio/2014 (nº de 1 –70). Em abril/2019 até dezembro/2021
integrou a série Documentos com numeração própria.
A partir de 2022 passou a ter ISSN próprio.

Análise de mercado; Conjuntura; Safras.

ISSN: 2764-7579 (on-line)

Apresentação

O Centro de Socioeconomia e Planejamento Agrícola (Cepa), unidade de pesquisa da Empresa de Pesquisa Agropecuária e Extensão Rural de Santa Catarina (Epagri), tem a satisfação de disponibilizar o Boletim Agropecuário *on-line*. Ele reúne as informações conjunturais de alguns dos principais produtos agropecuários do estado de Santa Catarina.

O objetivo deste documento é apresentar, de forma sucinta, as principais informações conjunturais referentes ao desenvolvimento das safras, da produção e dos mercados para os produtos selecionados. Para isso, o Boletim Agropecuário contém informações referentes à última quinzena ou aos últimos 30 dias. Em casos esporádicos, a publicação poderá conter séries mais longas e análises de eventos específicos. Além das informações por produto, eventualmente poderão ser divulgados neste documento textos com análises conjunturais que se façam pertinentes e oportunas, chamando a atenção para aspectos não especificamente voltados ao mercado.

O Boletim Agropecuário pretende ser uma ferramenta para que o produtor rural possa vislumbrar melhores oportunidades de negócios. Visa, também, fortalecer sua relação com o mercado agropecuário por meio do aumento da competitividade da agricultura catarinense.

Esta publicação está disponível em arquivo eletrônico no site da Epagri/Cepa, <https://cepa.epagri.sc.gov.br/>. Podem ser resgatadas também as edições anteriores.

Dirceu Leite

Presidente da Epagri



Sumário

Grãos.....	7
Hortaliças.....	17
Pecuária.....	27

Grãos

Milho 8

Soja 13





Milho

Haroldo Tavares Elias

Engenheiro-agrônomo, Dr. – Epagri/Cepa

htelias@epagri.sc.gov.br

Preços ao produtor

De setembro a dezembro, o preço do milho pago ao produtor esboça leve recuperação. A variação em dezembro foi positiva (1,12%) no cenário de 30 dias (nov.-dez./2025). No início de janeiro o preço ainda se mantém com pouca variação até o dia 14 (Figura 1). No início de 2026 ainda há reflexo da safra recorde no Brasil e Estados Unidos. O relatório do USDA¹ de janeiro de 2025 elevou a produção mundial em 14 milhões de toneladas, com volumes abundantes e estoques remanescentes até fim de 2025. O início de colheita da safra no sul do Brasil impede valorização do produto. Estes fatores pressionam os preços em janeiro.



Figura 1. Milho – SC: evolução do preço médio real mensal ao produtor – (jan./2024 a dez./2025)

Fonte: Epagri/Cepa, janeiro/2026

Variação de preços

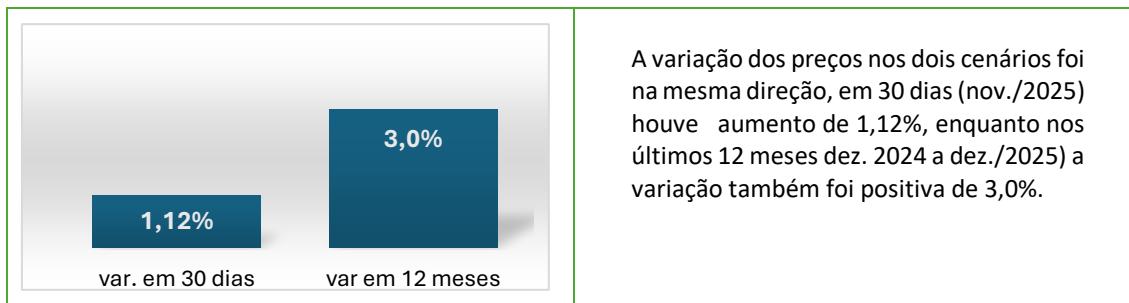


Figura 2. Milho – SC: variação dos preços em 12 meses e 30 dias – (dezembro)

Fonte: Epagri/Cepa, janeiro/2026

¹ Global Market Analysis. Foreign Agricultural Service/USDA 25 January 2026

Evolução dos preços anuais em 6 anos

- O mercado de milho apresentou forte valorização entre 2020 e 2021 (Figura 2), impulsionado por fatores como exportações aquecidas, câmbio favorável e pandemia da Covid. Registro de preços acima de R\$100,00/sc em alguns meses nestes anos.
- A partir de 2022, teve início um movimento de correção, com preços recuando gradualmente.
- Em 2023, houve uma queda brusca, levando os preços ao menor nível da série no segundo semestre.
- Nos anos seguintes (2024–2025), os preços se mantêm estáveis em torno de R\$ 63–65, indicando um novo patamar de equilíbrio, bem inferior ao pico de 2021.
- A amplitude mostra que o milho é uma commodity sujeita a oscilações de mercado internacional, clima e custos de produção e, mais recentemente fatores geopolíticos.

Sazonalidade:

- Há tendência de alta dos preços no **segundo semestre em alguns anos**, ligada à demanda externa, período de entre safra e custos de produção.
- Em 2025 apresentou leve recuperação dos preços, com média anual de R\$62,1/sc ainda distante dos R\$75,49 que foi a média geral dos preços pago ao produtor no período de seis anos analisados.

Retrospectiva do ano 2025 e expectativa 2026

O ano de 2025 foi caracterizado em diferentes fases: Incertezas da produção da produção na segunda safra no primeiro trimestre, a **consolidação da safra recorde no segundo trimestre**, e o **período de pressão de oferta (terceiro trimestre) e a transição para o novo ciclo - safra 2025/2026 (quarto trimestre - entressafra)**.

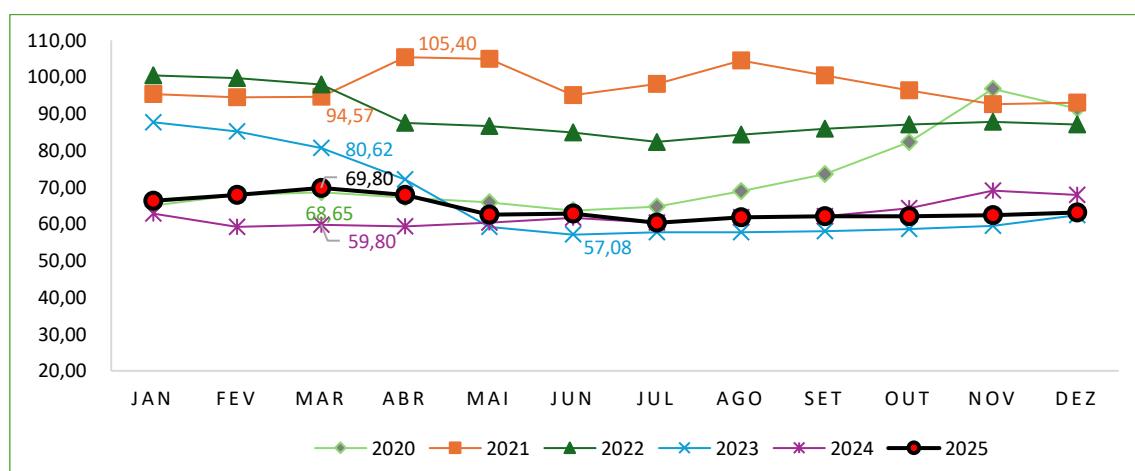


Figura 3. Milho – SC: evolução do preço médio anual ao produtor – (2020 a 2025)

Fonte: Epagri/Cepa, janeiro/2026

Fatores de mercado do milho no início de 2026

Fatores de Alta (valorização)	Fatores de Baixa (desvalorização)
Demanda exportadora firme em alguns momentos (Curva externa ascendente)	Oferta global recorde (Brasil, EUA e China)
Produção de etanol elevada e uso industrial dos EUA e Brasil.	Estoques finais elevados / dados USDA
Momentos técnicos de recompras de posições nos mercados futuros	Oferta interna elevada no Brasil (estoques acima do ano anterior)
Eventual recuperação de demanda externa (inspeções e vendas)	Pressão de oferta no Brasil com início de colheita e liquidez baixa
(Curto prazo) - Curva futura ascendente nos futuros internacionais	Logística e escoamento desafiadores no Brasil

Perspectivas de Preços Futuros e Análise

- **Mercado Interno (B3/CEPEA):**

- O Indicador CEPEA/ESALQ (08/01/2026) fixou-se em **R\$68,94/sc**, com leve viés de queda (-0,09%).
- Na **B3**, os contratos de curto prazo (jan./26) operam próximos a **R\$68,80**, enquanto o vencimento **Março/26** sinaliza recuperação para a casa dos **R\$72,60**, refletindo o risco de entressafra e a janela da safrinha.

- **Mercado Internacional (Chicago - CBOT):**

- A perspectiva é de "fundo de poço" (bottoming). Analistas da Bloomberg e Investing.com sugerem que, após as quedas de 2025 devido à produção recorde nos EUA, o mercado deve se ajustar em 2026.
- O foco total está no relatório do USDA de segunda-feira (12/01). Se houver corte na estimativa de estoques, Chicago pode romper a estabilidade atual.

Destaques da Safra 2024/25 (Finalizada)

- **Produtividade Excepcional:** Santa Catarina atingiu níveis recordes próximos a **10t/ha**, liderando o ranking nacional junto ao Paraná.
- **Impacto Logístico:** O aumento de 25% na produção estadual (cerca de 500 mil toneladas superior ao ciclo anterior) gerou uma economia de **R\$115 milhões em fretes** para as agroindústrias de proteína animal (suínos e aves).

Perspectivas para a Safra 2025/26 (Em curso)

- **Área:** Ligeira expansão.
- **Produção:** Estimada em **2,27 milhões de toneladas no estado**, um volume menor que o recorde anterior devido à projeção de produtividade (8.735kg/ha), menor do que a excepcional safra de 2024/25. As primeiras lavouras já estão sendo colhidas no extremo oeste, com registro de bons rendimentos.
- **Clima:** O mês de dezembro de 2025 encerrou com 25% das lavouras em fase crítica (floração/enchimento de grãos), sob monitoramento devido a irregularidades climáticas no Oeste catarinense. Chuvas com maior regularidade na segunda quinzena de dezembro,



temperaturas elevadas em algumas regiões. No aspecto geral das lavouras acompanhadas, indica bons rendimentos até o momento.

Safra 2025/2026

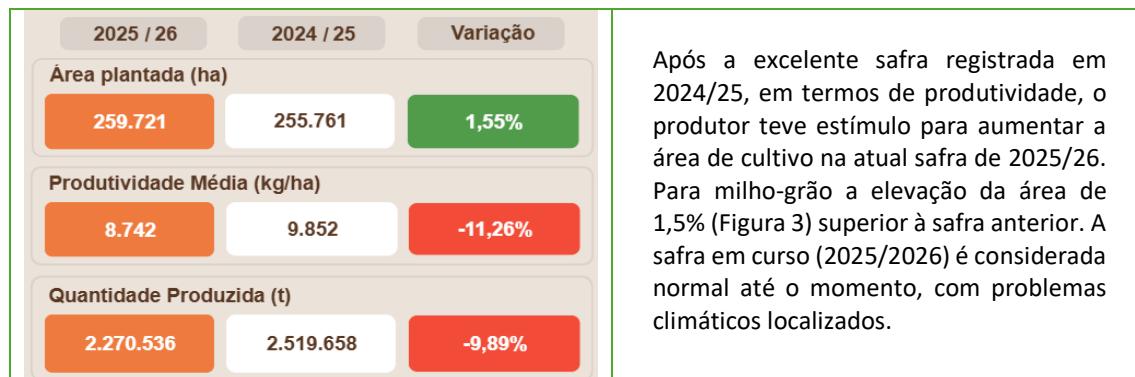


Figura 4. Milho-grão primeira 2025/26 – Área, produção e rendimento – Comparativo com a safra 2023/24 – Informações finais da safra

Fonte: Epagri/Cepa, janeiro/2026

Condições das lavouras e calendário

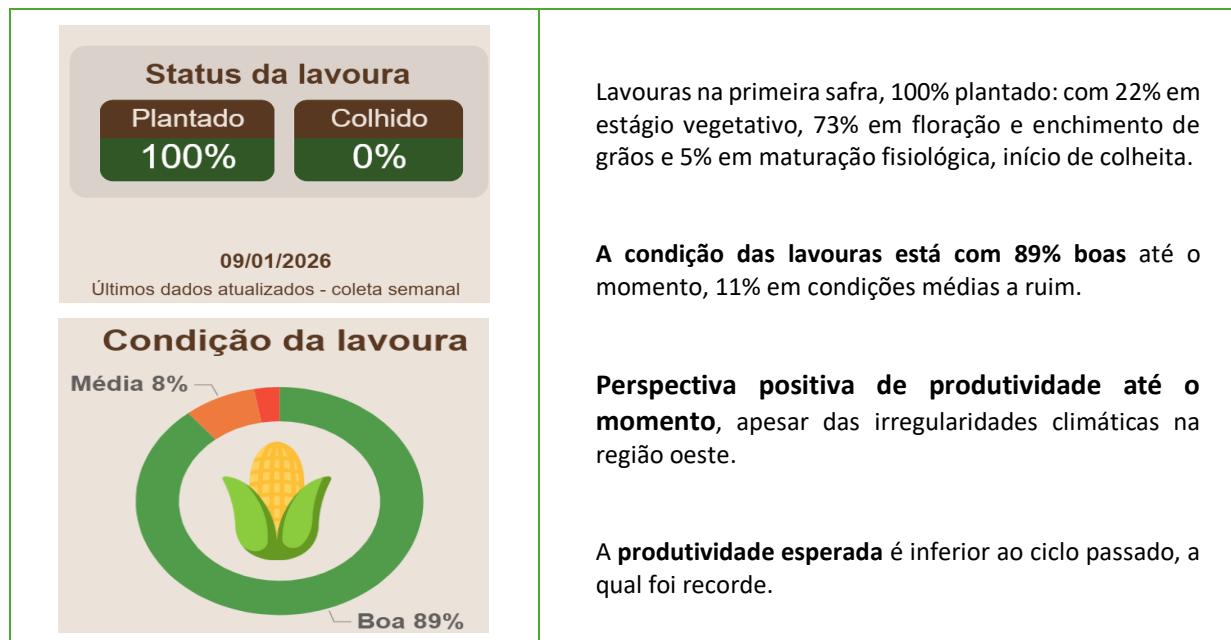


Figura 5. Milho-grão primeira: Condição de desenvolvimento das lavouras, na primeira semana de dezembro

Fonte: Epagri/Cepa, janeiro/2026



Importações de milho por Santa Catarina

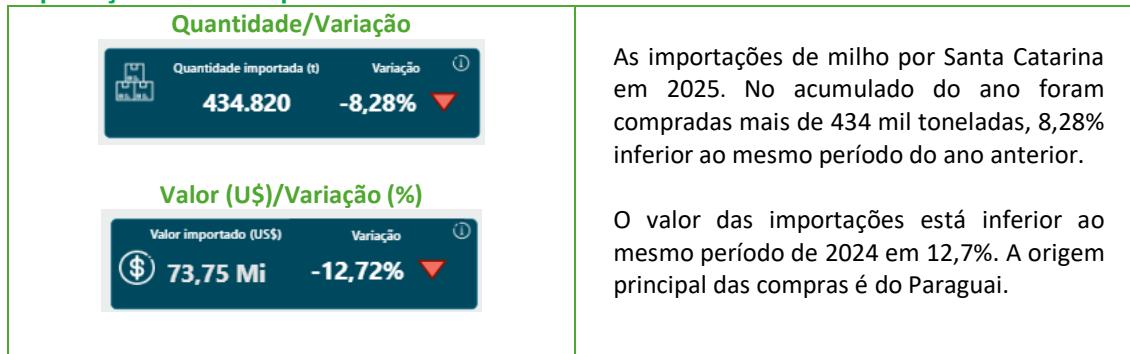


Figura 6. Milho-grão – Importações por Santa Catarina em 2025 e comparativo com 2024

Fonte: Observatório do Agro SC. Comex Stat/Mdic, janeiro/2026

Exportações de milho por Santa Catarina

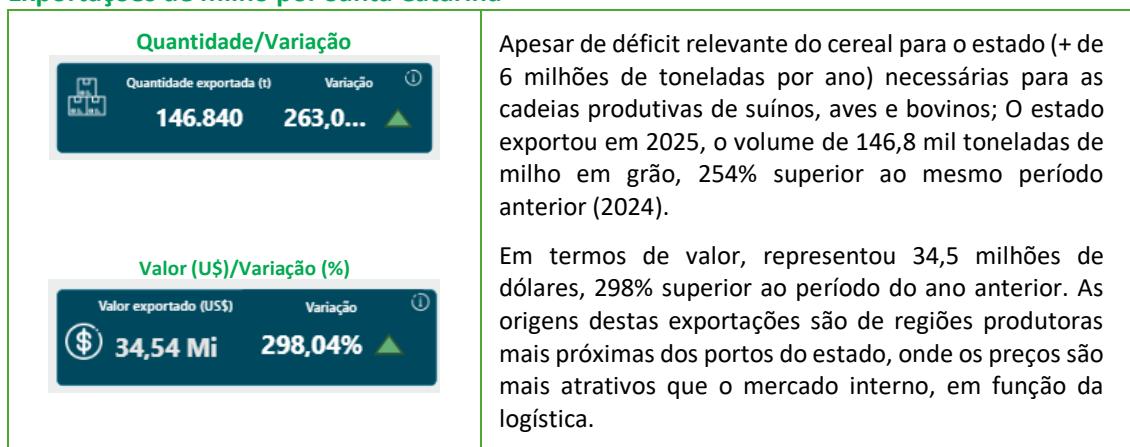


Figura 7. Milho – SC: exportações por Santa Catarina em 2025 – Comparativo do ano anterior – 2024

Fonte: Comex Stat/Mdic, janeiro/2026



Soja

Haroldo Tavares Elias

Engenheiro-agrônomo, Dr. – Epagri/Cepa

htelias@epagri.sc.gov.br

Mercado da soja

Desde agosto de 2025, os preços ao produtor, média mensal, estão oscilando em torno de R\$125,00/sc (Figura 1). Em dezembro, a cotação tem uma leve queda de 0,4% (Figura 2). A elevação das exportações de outubro e novembro pelo Brasil, com volume superior a 100 milhões de toneladas em 2025 foi um fator importante. No entanto, a safra volumosa na América Latina em 2025, e a elevação da oferta global da oleaginosa tem pressionado os preços. No relatório de janeiro de 2026 o USDA² eleva a produção mundial em 3 milhões de toneladas (435,6 milhões de toneladas). Outros fatores estão movimentando o mercado (Tabela 1).



Figura 1. Soja - SC: evolução do preço médio real mensal ao produtor - (out./2023 a nov. dez/2025¹)

⁽¹⁾ Refere-se à média dos 10 primeiros dias do mês. Preço médio mensal corrigido pelo IGP DI.

Fonte: Epagri/Cepa, janeiro/2026

Variação dos preços

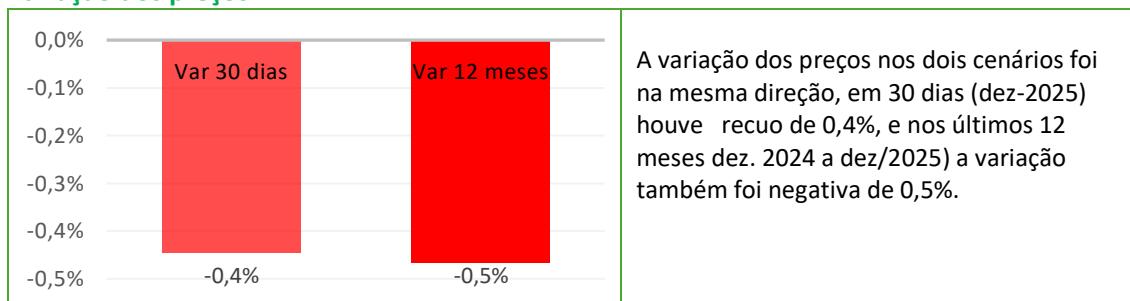


Figura 2. Soja – SC: Variação dos preços médio real mensal ao produtor em 30 dias e 12 meses (base dez./2025)

Fonte: Epagri/Cepa, janeiro/2026

² Global Market Analysis: Foreign Agricultural Service/USDA 26 January 2026 Global Market Analysis

Variação anual dos preços – 6 anos

• Ciclo de preços:

2020–2022: crescimento contínuo, atingindo pico em 2022.

2023–2025: queda acentuada e estabilização em patamares baixos.

• Sazonalidade:

Último trimestre (setembro a novembro) há uma tendência de concentrar os maiores preços médios, em função das exportações, entre safra e fatores externos. A geopolítica se apresentou como um fator importante em 2025.

Meio do ano (junho/julho) apresenta os menores valores.

• Tendência:

O mercado passou por um **boom até 2022**, seguido de uma **correção forte nos anos seguintes**.

Em 2025, os preços se mantêm estabilizados nos menores patamares da série analisada, em torno de **R\$123,00 – R\$125/sc**, sugerindo que o ciclo de queda pode ter se encerrado.

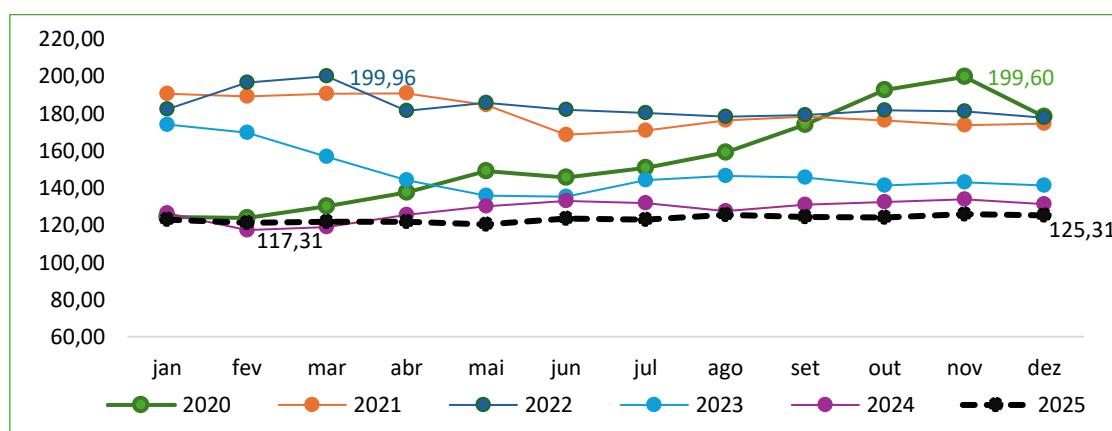


Figura 3. Soja - SC: evolução do preço médio real anual ao produtor – 2020 a 2025

Fonte: Epagri/Cepa, janeiro/2026

Fatores que impactam o preço da soja em início de janeiro/2026

Tabela 1. Soja – SC: fatores prevalentes de mercado internacional de soja com reflexo no Brasil

Fatores de Alta	Fatores de Baixa
Demanda chinesa forte para soja (apoioando preços)	Produção e estoques globais elevados (EUA & Brasil)
Compras externas / exportações (China/México)	Ajustes do relatório WASDE com estoques maiores nos EUA.
Oscilações técnicas positivas em alguns contratos futuros (CBOT)	Pressão de leilões e ritmo de vendas abaixo do esperado
Eventual risco climático na América do Sul limitando quedas.	Liquidez fraca no Brasil e foco do produtor em segurar oferta.
Potencial suporte via óleo/farelo ou outros produtos derivados.	Competição global mais ampla (Brasil vs. EUA)

Fonte: USDA, CBOT, Esalq-Cepa, Investing.com, bloomberg



Perspectivas de preços e análise de mercado

Bolsa de Chicago (CBOT): O mercado rompeu a barreira dos US\$ 11,30/bushel com suporte da demanda chinesa, mas enfrenta resistência técnica (realização de lucros). A volatilidade deve persistir até a divulgação completa dos dados do USDA em meados de janeiro.

Mercado Interno (Brasil): O Indicador CEPEA/ESALQ (Paraná) fechou em queda em 08/01/2026, cotado a R\$ 128,00/saca (-1,36%). Há um "marasmo habitual" no físico no início do ano, pois o produtor resiste aos preços baixos enquanto a nova safra começa a ganhar disponibilidade.

Tendência de Curto Prazo: Estabilidade com viés de baixa para os preços no porto devido ao salto nas projeções de embarque da ANEC (110 milhões de toneladas previstas para 2026).

Contraponto: No entanto, a concorrência dos EUA pode reduzir os embarques brasileiros para a China em até 10 milhões de toneladas em 2026, o que exigirá que o Brasil diversifique destinos ou conte com uma quebra de safra em outros players para sustentar patamares mais altos de preço.

Safra Catarinense 2025/2026

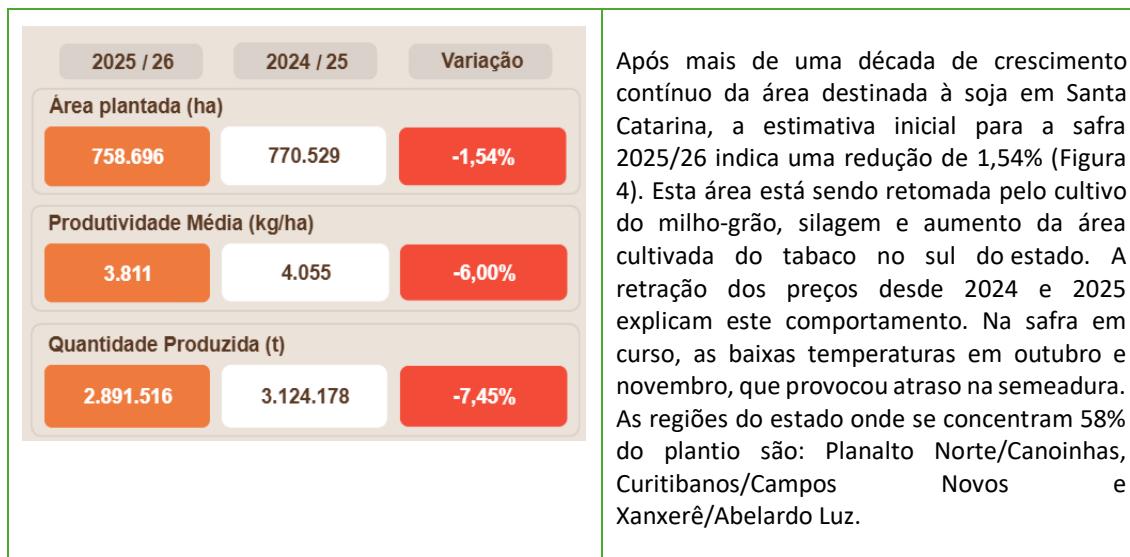


Figura 4. Soja 1º safra - Área, produção e rendimento – Comparativo de safras 2024/25 e 2025/26

Fonte: Epagri/Cepa, janeiro/2026. Sistema de Acompanhamento de Safras. <https://cepa.epagri.sc.gov.br/>

Acompanhamento da Safra 2025/2026 por Microrregião

A safra de soja 1ª safra em Santa Catarina (Verão 2025/26) encontra-se com o plantio praticamente concluído e lavouras majoritariamente em estádios iniciais de desenvolvimento vegetativo. As condições climáticas foram marcadas por temperaturas elevadas e períodos de estiagem (início de dezembro), causando estresse hídrico e falhas pontuais de germinação. Ocorrências isoladas de granizo foram registradas, sem impactos significativos. De forma geral, as lavouras seguem com avaliação predominante entre boas e ótimas, dependendo da regularização das chuvas nas próximas semanas.



Calendário e condição das lavouras

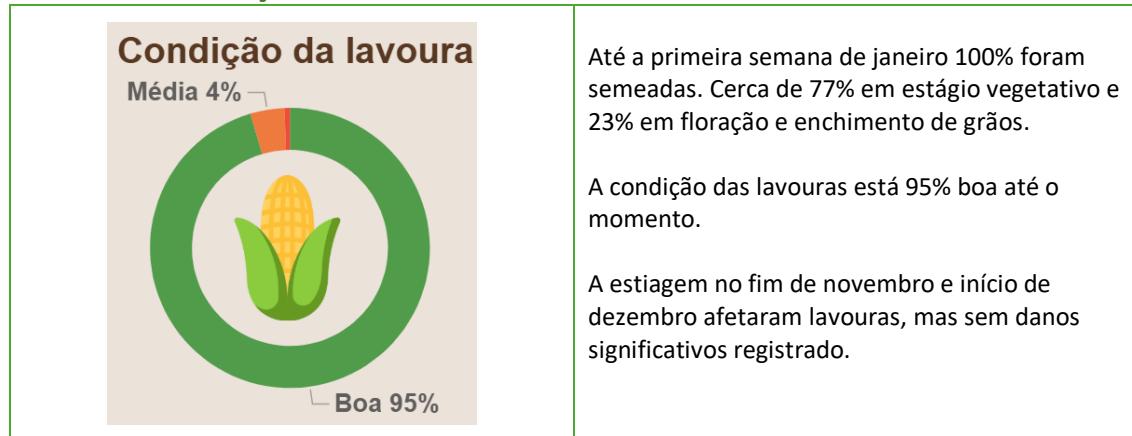


Figura 5. Soja – SC: Calendário e condições das lavouras, safra 2025/2026, primeira semana de janeiro/2026

Fonte: Epagri/Cepa, janeiro/2026

Exportações de soja por Santa Catarina

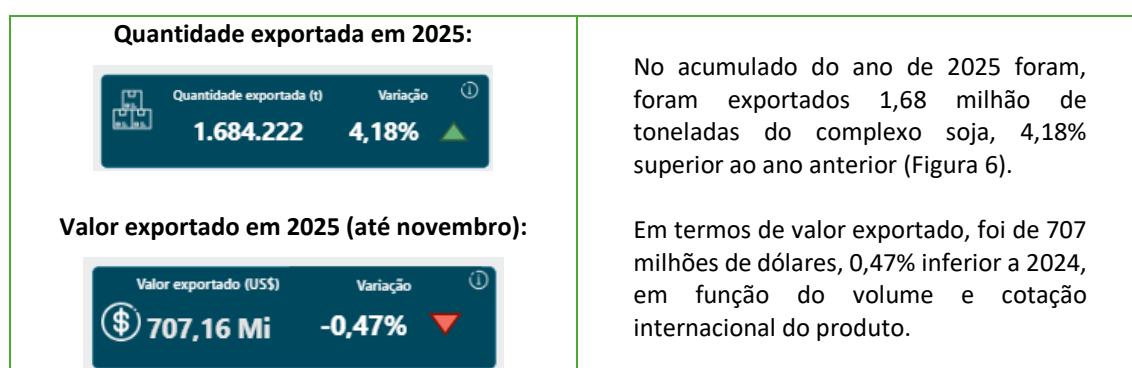
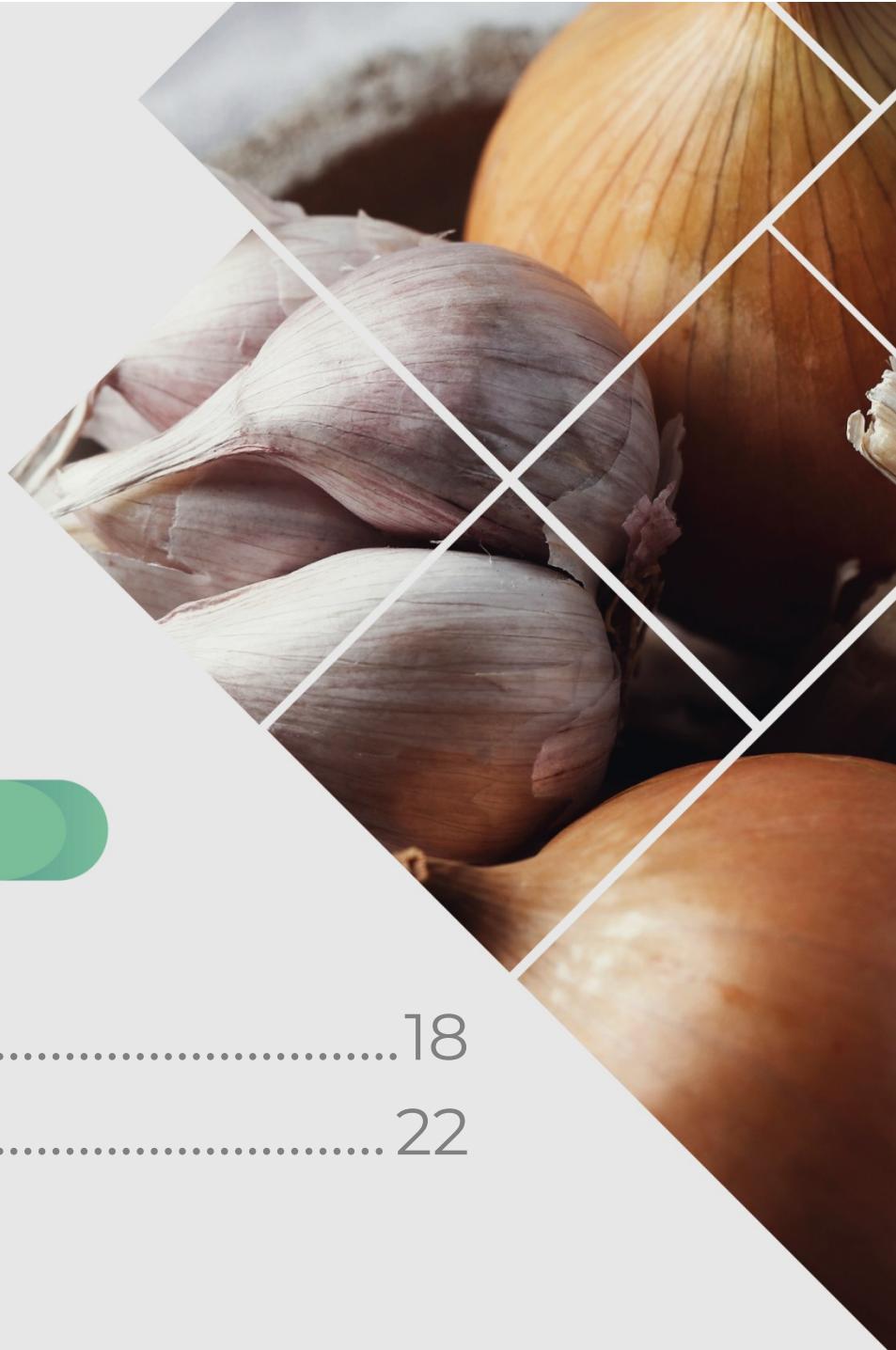


Figura 6. Soja – Exportação do complexo soja em 2025, acumulado até outubro

Fonte: Comex Stat/Mdic, janeiro/2026



Hortaliças

Alho.....	18
Cebola	22



Alho

Lillian Bastian

Desenvolvimento Rural, Dra- Epagri/Cepa

lillianbastian@epagri.sc.gov.br

Mercado – Preço ao produtor e no mercado atacadista

Assim como ocorreu para o mês de novembro, em dezembro de 2025 não houve comercialização de alho pelos produtores catarinenses. O alho colhido está passando por um processo de cura e os produtores estão aguardando melhores preços. Esse processo de cura é essencial para a perda da umidade e concentração de nutrientes. O alho encontra-se, em grande medida, armazenado em galpões dos próprios agricultores. A expectativa é que ao longo do mês de janeiro o alho catarinense comece a ser escoado. Na figura 1 consta o preço do alho ao produtor, em valores deflacionados, registrado de janeiro de 2024 a dezembro de 2025.

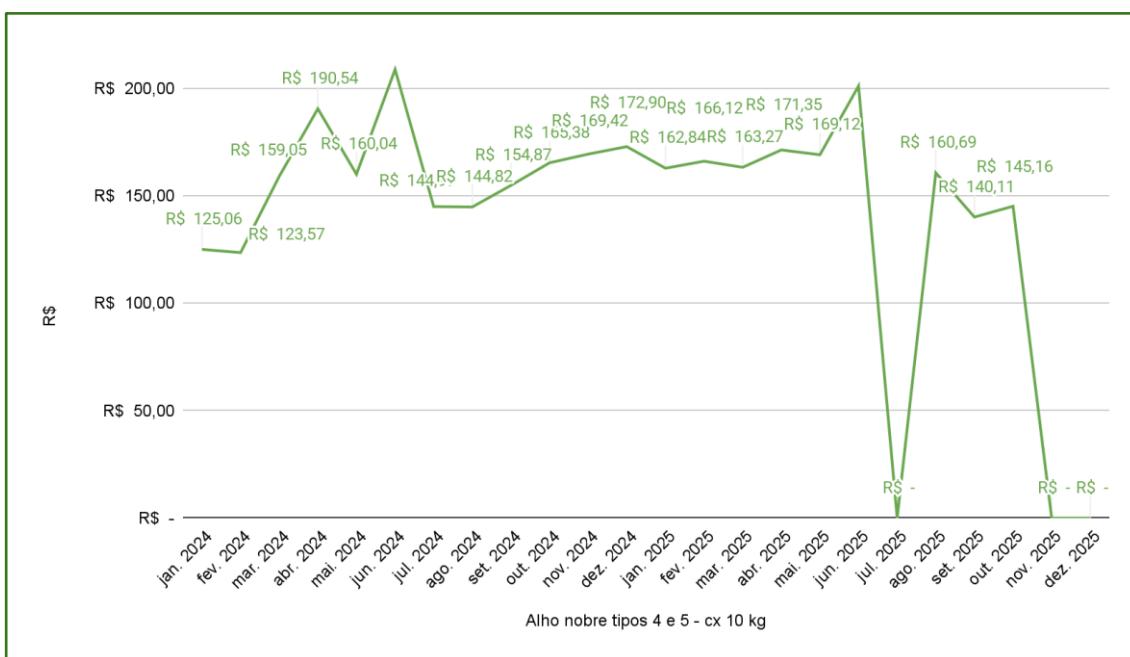


Figura 1. Alho – SC: evolução do preço médio real mensal ao produtor (jan./2024 a dez./2025)

Preço médio mensal em valores deflacionados conforme o IGP-DI/FGV.

Fonte: Epagri/Cepa, janeiro/2026

Já a Figura 2 apresenta os preços da caixa de 10 quilos de alho nobre tipos 4 e 5 registrados no mercado atacadista. Em dezembro de 2025 essa caixa foi comercializada a R\$150,83. Esse valor é 17,8% inferior ao registrado no mês anterior e está ainda mais abaixo do praticado em dezembro de 2024, cuja diferença é de 31,2%.



Figura 2. Alho – SC: evolução do preço médio mensal ao atacado – (jan./2024 a dez./2025)

Preço médio mensal em valores deflacionados conforme o IGP-DI/FGV.

Fonte: Epagri/Cepa, janeiro de 2026

Essa figura sinaliza que, após uma recuperação em novembro passado, a tendência de queda do preço do alho no atacado se manteve para dezembro de 2025. Sem considerar a leve recuperação do mês passado, observa-se que a retração ocorre desde junho de 2025. O preço de dezembro é o mais baixo da série histórica. As quedas consecutivas no preço do alho são decorrentes do abastecimento do mercado interno, cuja safra é significativa, acompanhado de um volume expressivo de importações, como se verá mais adiante.

Safra Catarinense

A safra do alho catarinense foi classificada como muito boa em termos de qualidade dos bulbos e produtividade. Houve algumas atualizações com relação ao mês anterior. Houve um decréscimo na área na microrregião Joaçaba, com redução de três hectares, no município de Água Doce. Com relação à expectativa de produção e produtividade, a constatação das boas condições dos canteiros fez com que a produtividade média em quilos por hectare saltasse do alcançado no ano anterior, que foi de 10.969, para os atuais 11.266, conforme a Tabela 1. De acordo com esse mesmo quadro, averíguou-se que, com a identificação do incremento de produtividade, houve, como decorrência, acréscimo na produção esperada para a safra 2025/2026 em 1.187 toneladas em relação à safra passada.



Tabela 1. Alho – Comparativo de safras

Microrregião	Safra 2024/2025			Estimativa Safra 2025/2026				Variação (%)		
	Área (ha)	Produtiv. (kg/ha)	Produção (t)	Área (ha)	Produtiv. (kg/ha)	Produção (t)	Particip. prod. (%)	Área	Produtiv.	Produção
Campos de Lages	29	9.528	276	16	9.563	153	1,82	-44,83	0,36	-44,57
Curitibanos	321	10.942	3.512	405	11.439	4.633	55,05	26,17	4,54	31,92
Joaçaba	309	11.133	3.440	326	11.135	3.630	43,13	5,5	0,02	5,52
Total Geral	659	10.969	7.229	747	11.266	8.416	100,00	13,35	2,71	16,42

Fonte: Sistemas de Produções e Mercado, Epagri/Cepa, janeiro/2026

Esse incremento é um resultado positivo do bom manejo dos canteiros e das condições climáticas registradas durante o ciclo produtivo. Enquanto o aumento na área foi de 13,35%, o incremento na produção está estimado em 16,42%. Essa adição na produção maior que a adição na área é o que explica o ganho em produtividade de 2,71% ou de 297 quilos a mais de alho por hectare.

Destaca-se que toda essa produção já foi colhida. Nas primeiras semanas de dezembro a chuva arrefeceu e o que restava do alho nos canteiros foi totalmente apanhado dos canteiros e desde meados de dezembro toda a produção se encontra nos galpões dos produtores em processo de cura. Felizmente os canteiros que restavam para serem colhidos não foram acometidos por nenhuma intempérie e toda a produção foi classificada como em boas condições. Na safra passada, o alho teve sua colheita finalizada no início de janeiro.



Importações

Acerca das importações de alho, em dezembro, o país importou 21,14 mil toneladas. Com relação ao mês anterior houve um aumento expressivo, equivalente a um incremento de mais de três vezes e meia superior (350,3%). Já com relação ao mesmo mês do ano passado, a diferença não foi tão significativa, sendo de 12,0%. Comparando a quantia importada entre os meses, detecta-se que o volume de alho adquirido pelo Brasil em dezembro de 2025 é o maior registrado para o triênio de 2023 a 2025. Essas informações podem ser constatadas na tabela 2.



Tabela 2. Alho – Brasil: evolução do volume das importações mensais – (jan./2023 a dez./2025)

Ano	Jan.	Fev.	Mar.	Abr.	Mai.	Jun.	Jul.	Ago.	Set.	Out.	Nov.	Dez.	Total
2023	14,91	13,09	12,07	11,02	13,15	10,89	6,6	2,75	3,78	5,33	5,32	16,12	115,03
2024	14,89	15,77	15,87	16,35	16,66	13,26	12,94	7,95	1,98	4,61	6,38	18,86	145,52
2025	15,31	14,62	15,97	20,11	17,74	15,25	10,48	8,29	10,72	4,43	4,69	21,14	158,75

Fonte: Comex Stat/MDIC, janeiro/2026 (mil toneladas)

Com a quantidade importada em dezembro, o país fechou o ano com um volume de importações 27,5% e 8,3% superior aos anos de 2023 e 2024. Em termos de custo da importação, que é mensurado em dólares americanos (*Free on Board - FOB*), tem-se que o total despendido pelo país para importar alho em dezembro foi de US\$28,10 milhões, conforme tabela 3. Esse montante financeiro é quase quatro vezes maior (395,2%) ao de novembro e apenas 9,6% ao despendido no mesmo mês do ano de 2024. Assim, constata-se que o preço pelo qual o alho foi adquirido em dezembro é superior ao praticado em novembro passado. Na média, pagou-se US\$1,32 em dezembro e US\$1,20 em novembro. Já em dezembro passado registrou-se US\$1,35.

Tabela 3. Alho – Brasil: evolução dos custos das importações mensais – (jan./2023 a dez./2025)

Ano	Jan.	Fev.	Mar.	Abr.	Mai.	Jun.	Jul.	Ago.	Set.	Out.	Nov.	Dez.	Total
2023	16,96	13,33	11,32	10,04	12,17	9,74	6,45	3,22	4,9	6,91	5,65	16,73	117,42
2024	16,34	17,83	20,48	24,1	24,33	18,14	16,1	8,94	2,51	5,62	7,48	25,65	187,5
2025	21,41	21,04	22,45	26,73	25,05	24,13	12,35	8,66	11,24	4,58	5,68	28,1	211,42

Valores nominais em milhões de dólares americanos.

Fonte: Comex Stat/MDIC, janeiro/2026

A comparação entre os anos no total despendido demonstra que houve aumento em 2025 de 12,7% em relação à 2024 e de 80,0% no comparativo com 2023. O principal país exportador de alho para o Brasil foi a Argentina. Desse país advieram aproximadamente 85% desses bulbos importados. Essa é a mesma porcentagem dos recursos empregados na importação de alho desse país.

O acréscimo no volume importado nos meses de dezembro está associado com um aumento do consumo decorrente das festas de final de ano. No entanto, a produção interna brasileira do alho, no ano de 2025, foi de uma boa qualidade, e de acordo com a Associação Nacional dos Produtores de Alho (Anapa), a produção interna é capaz de atender a 60% da demanda interna³. A importação do alho está prejudicando o escoamento do alho produzido no Cerrado, de forma que, aproximadamente, 50% do alho produzido nesses estados abrangidos pelo bioma Cerrado encontram-se represado, pois o alho importado está ingressando no nosso mercado a um custo de produção menor que o brasileiro. Consequentemente, essa condição irá afetar o escoamento da produção de Santa Catarina.

³ Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=TiCsC9-ULEc>. Acesso em: 09 jan. 2026.



Cebola

Lillian Bastian

Desenvolvimento Rural, Dra. – Epagri/Cepa

lillianbastian@epagri.sc.gov.br

Mercado – preço ao produtor e no mercado atacadista

A colheita da cebola catarinense se direciona para o seu encerramento ao longo do mês de janeiro e com isso é possível acompanhar o comportamento dos preços tanto ao produtor quanto no atacado. Em dezembro, o preço médio mensal ao produtor da cebola pera, classe 3 a 5, saca de 20 quilos, foi registrado em R\$19,33, havendo uma queda de 3,4% em relação ao mês passado e de 8,2% na comparação com o mesmo mês do ano passado. Os preços mensais por saca de 20 quilos, para 2024 e 2025, podem ser consultados na figura 1.

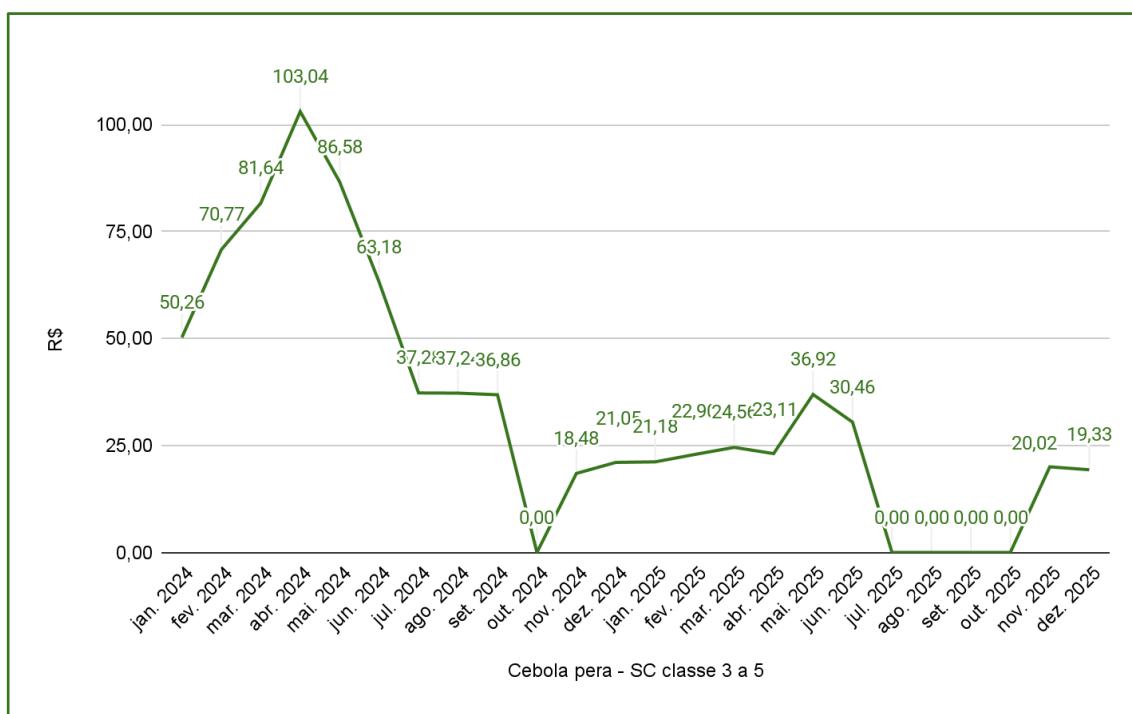


Figura 1. Cebola – SC: evolução do preço médio real mensal ao produtor – (jan./2024 a dez./2025)

Preço médio mensal em valores deflacionados conforme o IGP-DI/FGV.

Fonte: Epagri/Cepa, janeiro/2026

Apura-se que o preço médio por quilo ao produtor no mês de dezembro foi de R\$0,97. Nesses patamares o valor pago pela cebola não chega a cobrir o custo operacional total dos produtores, que, no início da safra 2025/2026 foi apurado em R\$43.938,96 por hectare. Destaca-se que enquanto a comercialização da cebola das unidades da federação do Paraná e do Rio Grande do Sul não se encerra, o preço da cebola ao produtor catarinense tem a tendência de se manter nesses patamares. Nesse sentido, é muito importante que seja aguardado um momento mais oportuno para a venda, caso a armazenagem da cebola seja factível ao produtor.

Assim como foi registrado para o produtor, o preço no mercado atacadista apresentou o mesmo comportamento de decrescimento. Dentre os cerealistas, o preço da cebola pera, classe 3 a 5, saca de 20 quilos, foi registrado em R\$38,64. Esse valor é 12,7% inferior ao valor pago em



novembro e de 22,8% na comparação com o valor pago em dezembro de 2024, conforme se observa na figura 2.

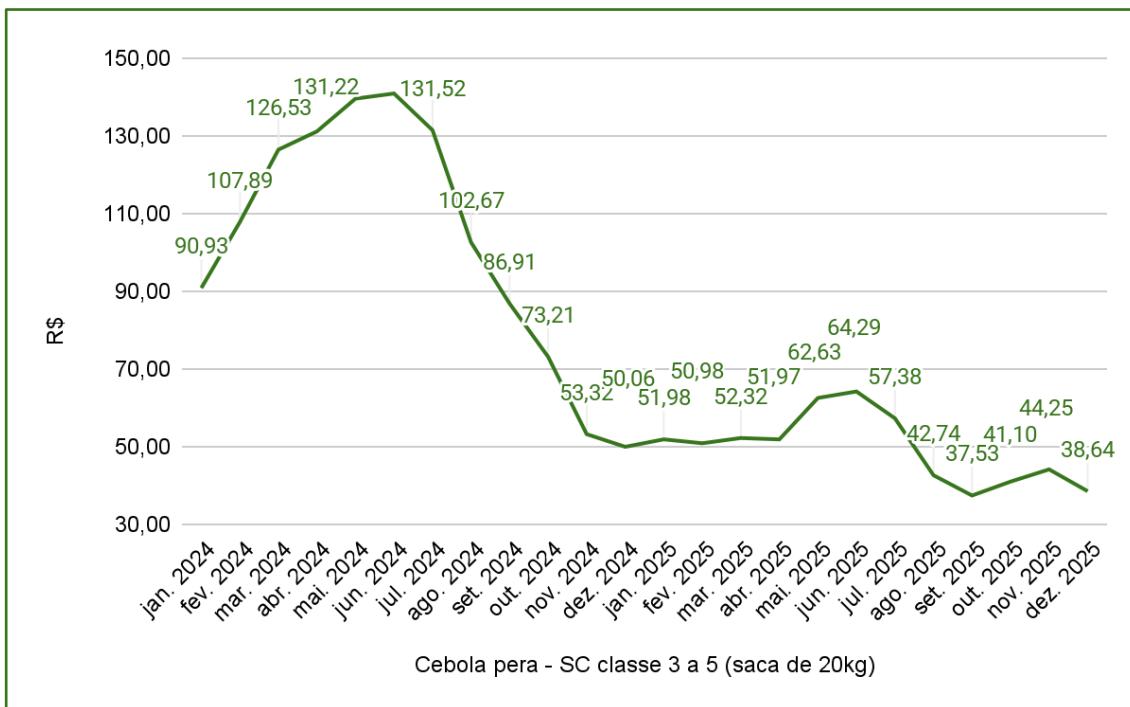


Figura 2. Cebola – SC: evolução do preço médio real mensal ao atacado – (jan./2024 a dez./2025)

Preço médio mensal em valores deflacionados conforme o IGP-DI/FGV.

Fonte: Epagri/Cepa, janeiro/2026

Conforme a figura acima se apura que no mês de dezembro o preço do quilo do produto foi de R\$1,93. A queda nos preços ao produtor e no mercado atacadista demonstram que o mercado nacional está bem abastecido. A produção do Sul do Brasil somada à quantidade de cebola que foi importada em dezembro de 2025 atendem de forma mais do que suficiente a demanda interna, sendo indispensável uma orquestração mais equilibrada entre as operações de importação e os resultados da produção interna.

Safra catarinense

As expectativas da safra catarinense estão se confirmado. Os relatos indicam para uma produção em volume expressivo e de boa qualidade. A colheita está finalizando. Houve algum atraso provocado pelas chuvas da última semana de dezembro e início de janeiro que atrapalharam os trabalhos de retirada dos bulbos dos canteiros. Boa parte da cebola está armazenada e em beneficiamento para a comercialização.

Os números da safra para o mês de dezembro são muito similares aos de novembro. Houve um decréscimo na área na microrregião de Ituporanga. Isso ocorreu em decorrência do registro de granizo no município de Imbuia. Esse município foi acometido por essa mesma intempéria no mês de novembro, porém, desta vez, houve perdas maiores em lavouras. No entanto, essa diminuição na área não foi acompanhada de uma redução na produtividade, uma vez que existem áreas cuja produtividade está passando dos 35 mil quilos por hectare. Na tabela 1 é possível visualizar um comparativo das safras 2024/25 e 2025/26.

Tabela 1. Cebola – SC: Distribuição Microrregional – Comparativo entre área de plantio, produtividade e produção – Safras 2024/25 e 2025/26

Microrregião	Safra 2024/25			Estimativa Safra 2025/26				Variação (%)		
	Área (ha)	Produtiv. (kg/ha)	Produção (t)	Área (ha)	Produtiv. (kg/ha)	Produção (t)	Participação produção (%)	Área	Produtiv.	Produção
Blumenau	3	20.000	60	3	20.000	60	0,01	0	0	0
Campos de Lages	1.178	25.907	30.519	1.215	26.016	31.609	5,27	3,14	0,42	3,57
Canoinhas	160	40.000	6.400	170	43.235	7.350	1,23	6,25	8,09	14,84
Curitibanos	230	41.130	9.460	312	42.035	13.115	2,19	35,65	2,2	38,64
Ituporanga	9.123	27.622	252.000	8.723	32.570	284.112	47,39	-4,38	17,91	12,74
Joaçaba	1.787	39.456	70.508	1.797	39.915	71.728	11,97	0,56	1,16	1,73
Rio do Sul	1.757	25.135	44.163	1.757	27.908	49.034	8,18	0	11,03	11,03
Tabuleiro	3.805	29.841	113.545	3.861	29.814	115.113	19,20	1,47	-0,09	1,38
Tijucas	1.252	23.825	29.829	1.282	21.329	27.344	4,56	2,4	-10,48	-8,33
Santa Catarina	19.295	28.841	556.484	19.120	31.353	599.465	100,00	-0,91	8,71	7,72

Fonte: Epagri/Cepa, janeiro/2026

No comparativo com a safra passada, apura-se redução de área em 175 hectares. Já a produtividade é 2.512 quilos por hectare superior e a produção total esperada está registrada com uma adição de mais de 42 mil toneladas. Possivelmente, a depender de como ocorrerá a cura da cebola e o seu período de armazenamento, essa safra tem grandes possibilidades de ser recorde. Esse é um ponto positivo, pois com uma produtividade mais elevada e diante de um cenário de preços baixos existem maiores chances de os retornos ao produtor serem positivos também.

Importações

No mês de dezembro houve a importação de, aproximadamente, 881 toneladas de cebola pelo Brasil, conforme tabela 2. Esse volume importado indica aumento de 169,4% em relação ao mês anterior e de 228,7% em relação ao mesmo mês de 2024.

Tabela 2. Cebola – Brasil: evolução do volume das importações mensais (jan./2023 a dez./2025)

Ano	Jan.	Fev.	Mar.	Abr.	Mai.	Jun.	Jul.	Ago.	Set.	Out.	Nov.	Dez.	Total
2023	1.380	2.385	13.243	27.884	37.148	21.744	5.578	1.384	156	3.411	10.396	9.426	134.135
2024	5.024	22.929	48.986	83.672	65.851	23.255	2.309	3.040	329	1.294	475	268	258.019
2025	307	2.584	19.075	29.421	60.207	22.391	2.477	137	26	0	327	881	137.833

Fonte: Comex Stat/MDCS, janeiro/2026 – (tonelada)

O volume importado em 2025 é muito similar ao de 2023 e bem inferior ao de 2024, ano impactado pela quebra da safra de Santa Catarina provocada pelo fenômeno El Niño. O volume importado em 2025 é 46,5% inferior ao registrado no ano passado.

Por sua vez, o custo da importação em dezembro corresponde a US\$522,8 mil (FOB), conforme tabela 3, que traz a evolução dos dispêndios mensais, assim como os valores totais gastos com a importação de 2023 a 2025. Em dezembro de 2025, afera-se que o preço médio foi de US\$0,59 (FOB). Esse valor é inferior tanto ao praticado no mês anterior, quanto ao registrado no mesmo



mês do ano de 2024, em 13,7%, e em 7,4%, respectivamente, quando os preços foram de US\$0,69 e US\$0,64 (FOB), em valores nominais.

Tabela 3. Cebola – Brasil: evolução dos custos das importações mensais – (jan./2023 a dez./2025)

Ano	Jan.	Fev.	Mar.	Abr.	Mai.	Jun.	Jul.	Ago.	Set.	Out.	Nov.	Dez.	Total
2023	663,96	540,27	2.676,51	5.758,34	7.377,02	4.312,90	1.075,79	415,14	141,54	720,99	3.617,73	3.507,93	30.808,13
2024	1.665,12	5.150,27	15.351,32	28.548,53	23.019,29	6.954,11	1.154,96	1.442,15	148,48	520,69	280,37	171,87	84.407,17
2025	199,37	572,59	4.057,08	5.106,08	9.748,81	3.912,51	450,71	29,48	18,48	0	224,85	522,85	24.842,81

Valores nominais em mil dólares americanos.

Fonte: Comex Stat/MDIC, janeiro/2026

A partir dessas duas tabelas, afera-se que o custo médio por quilo importado em 2025 foi inferior ao custo médio dos dois anos anteriores. Em 2023 o custo foi de US\$0,22, em 2024, US\$0,32, e em 2025, US\$0,18. Embora propor uma explicação para essa variação no preço médio da cebola importada seja uma tarefa desafiadora, pois o preço de um produto é influenciado por inúmeros fatores, é possível esboçar aqui pelo menos três considerações. A primeira consideração é que o acréscimo na demanda brasileira, provocado pela quebra de safra catarinense em 2023/24, explica o aumento do preço no ano de 2024. A segunda, que explicaria o declínio do preço em 2025, é que a oferta do produto pode ter sido elevada em demais países, fazendo com que o preço caia mundialmente. No entanto, esta consideração depende de dados para ser confirmada. A produção mundial agropecuária, que é acompanhada pela Organização das Nações Unidas para Alimentação e Agricultura (FAO), envolve a sistematização de informações relativas às respectivas safras dos países. Esse fornecimento de informações pelos países é, por vezes, despadronizado. Consequentemente, os dados da produção anual são publicados ao final do ano seguinte. A produção mundial de cebola em 2023 e 2024 foi de 6,33 e 6,57 milhões de toneladas, respectivamente, indicando um leve aumento de um ano para o outro⁴. Por último, a terceira consideração, também relacionada com o declínio do preço em 2025, é que a demanda pelo produto pode ter caído, em função da queda no consumo da cebola entre gerações mais novas e pela mudança da dieta, com a inclusão, em maiores proporções, de alimentos industrializados. No entanto, a identificação das verdadeiras explicações da variação no preço médio da cebola importada envolve pesquisa que foge do escopo deste capítulo.

Os países exportadores de cebola para o Brasil, em dezembro, foram a Argentina, o Chile e a Espanha, conforme gráfico logo na sequência. A Argentina foi o principal país exportador. Desse país advieram 58,5% das cebolas, ao passo que da Espanha vieram 35,6% e apenas 5,9% do Chile.

⁴ Dados disponíveis em: <https://www.fao.org/faostat/en/#data>. Acesso em 08 jan. 2026.

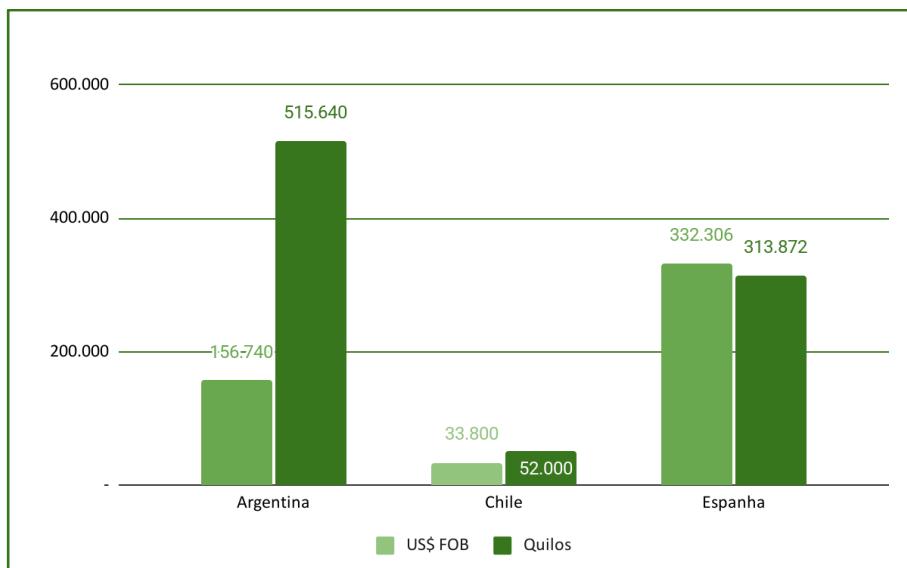


Figura 3. Importação de cebola – SC: países de origem – (dez.2025)

Fonte: Comex Stat/MDIC, janeiro/2026 – (valores nominais)

As cebolas da Espanha representaram 63,6% dos dispêndios, seguido por 30% relativos aos bulbos argentinos e 6,4% com a importação do Chile. Essa disparidade entre volume importado e custos está atrelada, muito provavelmente, à classe e qualidade da cebola.



Pecuária

Avicultura	28
Bovinocultura.....	35
Suinocultura	40
Leite.....	47



Avicultura

Alexandre Luís Giehl

Engenheiro-agrônomo – Epagri/Cepa
alexandregiehl@epagri.sc.gov.br

Preços

Os preços do frango vivo apresentaram oscilações ao longo do ano nos dois principais estados produtores. Contudo, a tendência geral predominante, em ambos os casos, foi de alta. No Paraná, registrou-se um aumento de 8,9% na comparação entre o preço médio de dezembro de 2025 e o valor do mesmo mês de 2024 – corrigido pelo IGP-DI. Em Santa Catarina, por sua vez, o preço médio estadual registrou elevação de 4,1% no mesmo período, também considerando os valores corrigidos.

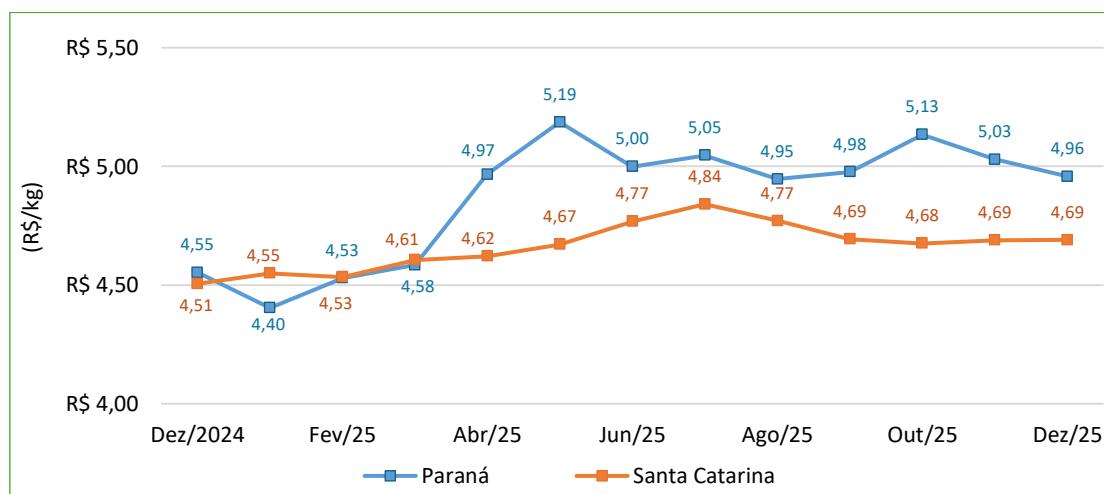


Figura 1. Frango vivo – Santa Catarina e Paraná: preço médio mensal aos avicultores¹ (R\$/kg)

¹ Refere-se ao custo do frango vivo na integração, posto na plataforma da agroindústria.

Valores corrigidos pelo IGP-DI.

Fonte: Epagri/Cepa (SC); Seab (PR)

Os preços pagos aos avicultores catarinenses em 2025 também apresentaram comportamento distinto entre as principais regiões produtoras do estado, como demonstra a Figura 2. Essas diferenças também ficam evidentes quando se comparam os preços pagos aos produtores em dezembro de 2025 com os de dezembro de 2024, corrigidos pelo IGP-DI. Enquanto no Meio Oeste e no Oeste houve altas de 10,9% e 4,9%, respectivamente, o Litoral Sul apresentou queda de 3,2% no mesmo período.

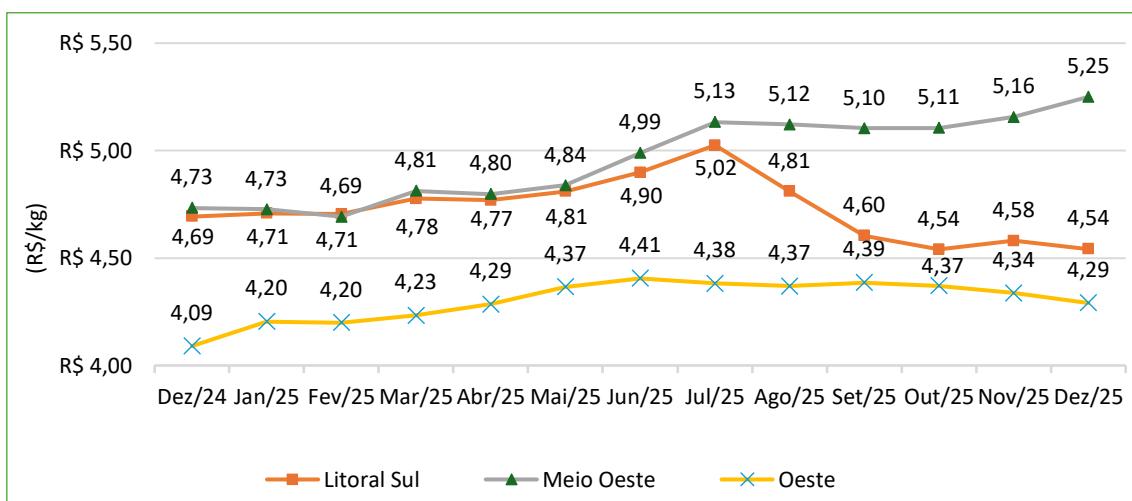


Figura 2. Frango vivo – Santa Catarina: preço médio pago ao produtor nas principais regiões do estado (R\$/kg)

⁽¹⁾ refere-se ao custo do frango vivo na integração, posto na plataforma da indústria.

Valores corrigidos pelo IGP-DI.

Fonte: Epagri/Cepa

No mercado atacadista, por sua vez, os preços mantiveram-se relativamente estáveis ao longo de 2025, com leve tendência de queda que se manifestou principalmente no segundo semestre. Todos os quatro tipos de cortes cujos preços são levantados pela Epagri/Cepa apresentaram variação negativa entre dezembro de 2024 e dezembro de 2025, considerando-se a correção dos valores pela inflação do período: peito com osso (-4,7%), frango inteiro (-2,4%), coxa/sobrecoxa (-2,2%) e filé de peito (-1,4%). A variação média dos quatro cortes foi de -2,7%.

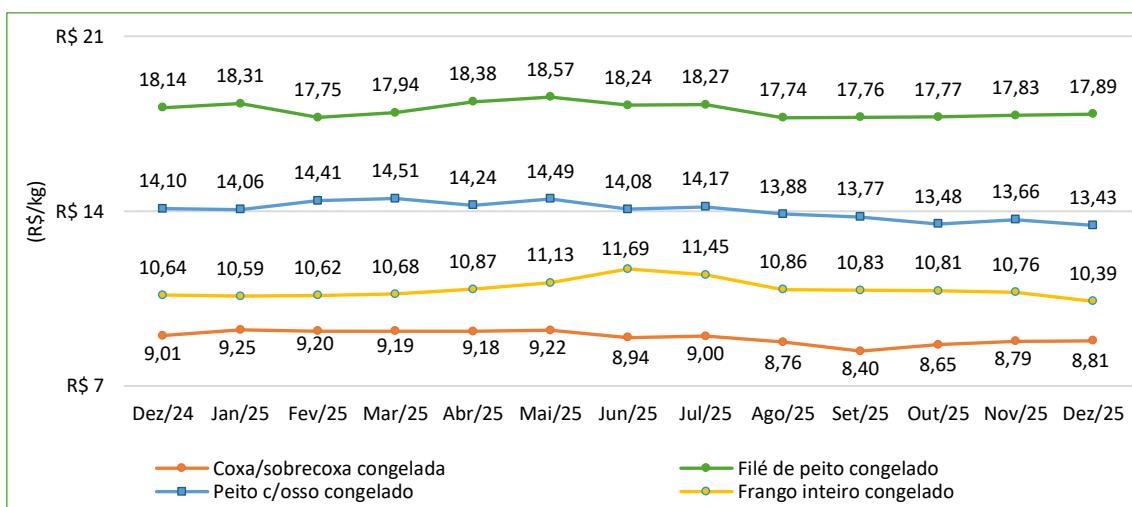


Figura 3. Carne de frango – Santa Catarina: atacado – preço médio mensal estadual (R\$/kg)

Valores corrigidos pelo IGP-DI.

Fonte: Epagri/Cepa

O crescimento da produção e os embargos impostos por diversos países, em decorrência do foco de influenza aviária registrado em uma criação comercial no Rio Grande do Sul – como veremos adiante –, são fatores que ajudam a explicar esse movimento de baixa observado em 2025, já que ampliaram a oferta do produto no mercado interno, pressionando os preços.



Custos

Segundo a Embrapa Suínos e Aves, no mês de dezembro, o custo de produção de frangos em aviário climatizado positivo em Santa Catarina foi de R\$5,07 por quilo de peso vivo, o que representa uma leve redução de 0,2% em comparação com novembro. O valor atual está 2,2% superior ao registrado em dezembro de 2024, já considerado o IGP-DI do período.

Ainda de acordo com os dados da Embrapa, os dois principais componentes do custo de produção de frangos em Santa Catarina no último ano foram a ração (62,0%) e a genética (21,2%). Cabe ressaltar que a participação da alimentação registrou queda em relação ao ano anterior, quando representou 63,9% do total. De fato, desde que atingiu o pico em 2021 – quando correspondeu a 73,9% dos custos –, esse componente tem apresentado reduções consecutivas.

Já a relação de troca insumo-produto encerrou o ano com uma leveira tendência de alta, conforme mostra a Figura 4. Entretanto, na comparação entre dezembro de 2025 e o mesmo mês de 2024, há uma queda de 10,4%. Isso significa que os produtores precisam de 2 kg a menos de frango vivo do que no mesmo período do ano anterior para comprar uma saca de milho. Esse resultado deve-se tanto ao aumento de 3,6% no preço do frango vivo no Oeste Catarinense quanto à queda de 7,1% no preço do milho na mesma região.

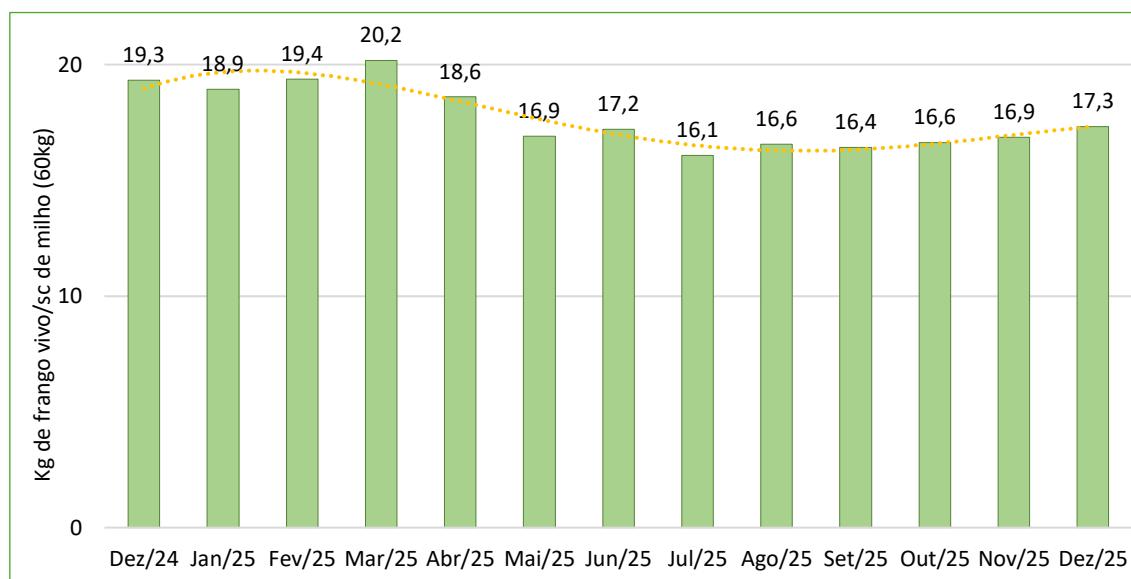


Figura 4. Frango vivo – Santa Catarina: quantidade necessária (kg) para adquirir uma saca (60 kg) de milho

Para o cálculo da relação de equivalência, utilizam-se os preços do frango vivo (ao produtor) e do milho (atacado) na região Oeste.

Fonte: Epagri/Cepa

Comércio exterior

Em dezembro, o Brasil exportou 496,0 mil toneladas de carne de frango, o que significou uma alta de 17,1% em relação a novembro e de 14,3% na comparação com dezembro de 2024. As receitas totalizaram US\$928,1 milhões, com crescimento de 16,7% frente ao mês anterior e de 10,9% em relação a dezembro de 2024. Esses números representam o segundo melhor resultado mensal da história em termos de quantidade e o terceiro em receitas.

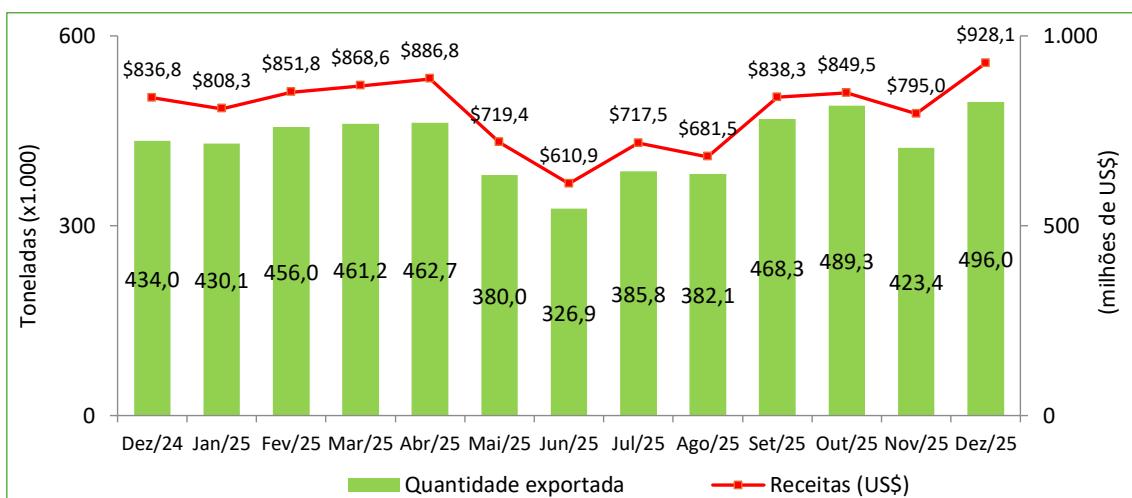


Figura 5. Carne de frango – Brasil: quantidade exportada e receitas

Fonte: MDIC/Comex Stat

Os bons resultados de dezembro refletem a normalização dos embarques, após problemas logísticos que afetaram alguns portos em novembro e provocaram variações negativas naquele mês.

No acumulado de janeiro a dezembro, o Brasil exportou **5,16 milhões de toneladas**, gerando receitas de **US\$9,56 bilhões**. Os valores representam alta de 0,1% em quantidade, mas queda de 1,9% em receitas, ante 2024. Os principais destinos foram a Arábia Saudita, os Emirados Árabes Unidos, o Japão, a China e o México, países que concentraram 33,7% da quantidade e 44,6% das receitas totais.

Santa Catarina, por sua vez, exportou **117,0 mil toneladas** de carne de frango em dezembro, registrando alta de 17,6% ante novembro e de 16,9% em relação a dezembro de 2024. Em termos de receita, os embarques totalizaram **US\$238,6 milhões**, com crescimento de 12,3% ante novembro e de 19,2% na comparação com dezembro do ano anterior.

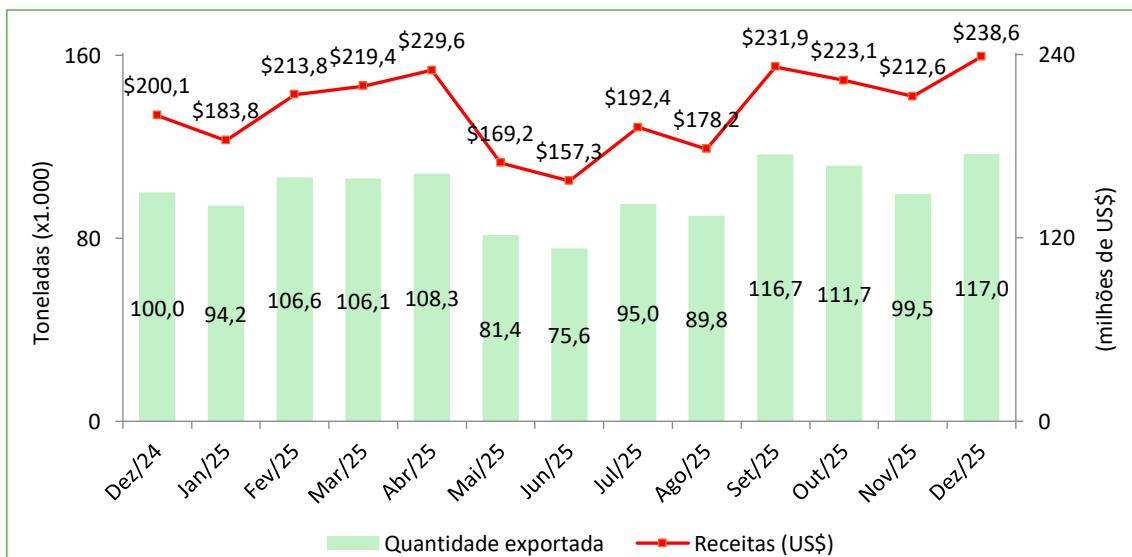


Figura 6. Carne de frango – Santa Catarina: quantidade exportada e receitas

Fonte: MDIC/Comex Stat



O valor médio da carne *in natura* exportada por Santa Catarina em dezembro foi de US\$2.052,14 por tonelada – representando uma queda de 4,2% ante novembro, mas alta de 2,7% na comparação com dezembro de 2024.

No acumulado anual, Santa Catarina exportou **1,20 milhão** de toneladas de carne de frango em 2025, com receita de **US\$2,45 bilhões**, o que corresponde a altas de 3,0% em quantidade e 6,9% em valor em relação a 2024. Esse desempenho representa o **melhor resultado da série histórica**, iniciada em 1997, em termos de receitas e o terceiro melhor em quantidade.

A Arábia Saudita foi o principal destino da carne de frango catarinense em 2025, respondendo por 11,9% das receitas do ano, seguida pelos Países Baixos (11,6%) e pelo Japão (10,4%). A China, que até o primeiro quadrimestre ocupava a terceira posição no ranking, recuou para o oitavo lugar devido à interrupção das vendas para aquele país após a ocorrência de um foco de influenza aviária no Rio Grande do Sul. Com o fim do embargo, porém, os embarques para o mercado chinês se recuperaram em dezembro.

A Tabela 1 detalha os principais destinos das exportações catarinenses de carne de frango em 2025.

Tabela 1. Carne de frango – Santa Catarina: principais destinos das exportações – jan. a dez./2025

País	Valor (US\$)	Participação (%)	Quantidade (t)	Participação (%)
Arábia Saudita	292.633.847,00	11,9	129.177	10,7
Países Baixos (Holanda)	285.369.822,00	11,6	77.681	6,5
Japão	255.789.939,00	10,4	124.458	10,4
Emirados Árabes Unidos	194.049.742,00	7,9	89.383	7,4
Reino Unido	183.741.165,00	7,5	56.799	4,7
Demais países	1.238.225.305,00	50,5	724.320	60,3
Total	2.449.809.820,00	100	1.201.818	100

Fonte: MDIC/Comex Stat

Considerando o consolidado do ano, Santa Catarina foi responsável por **25,6% da receita e 23,3% do volume** exportado pelo Brasil, o que reforça sua posição como o segundo maior estado exportador do produto.

Produção

Conforme demonstram os dados da Cidasc, sistematizados pela Epagri/Cepa, Santa Catarina produziu **910,5 milhões de frangos⁵** em 2025⁶ – um **crescimento de 2,7%** em relação ao ano anterior. Trata-se do melhor resultado atingido pelo estado desde 2014.

⁵ Desse volume total, 97,2% dos frangos foram abatidos em território catarinense, enquanto o restante foi abatido em outros estados.

⁶ Os dados referentes a dezembro de 2025 são preliminares, passíveis de atualização na próxima edição do Boletim Agropecuário.

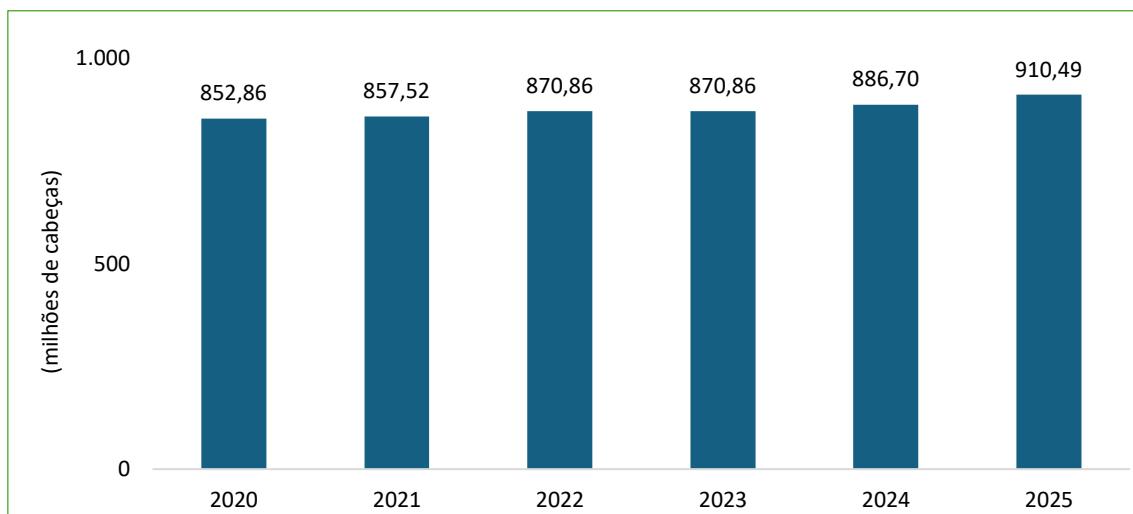


Figura 7. Frangos – Santa Catarina: produção anual

Fonte: Cidasc

Este crescimento produtivo foi impulsionado principalmente pela forte demanda externa. O aumento da produção destinou-se, em grande parte, a atender a contratos de exportação e a conquistar novos mercados internacionais, consolidando Santa Catarina como o segundo principal produtor e exportador de carne de frango do país.

Perspectivas para 2026

O cenário de 2026 apresenta-se favorável para o setor avícola, principalmente em função do mercado externo. A recente retomada dos embarques para a China e para a União Europeia, após meses de suspensão devido ao foco de gripe aviária registrado no Rio Grande do Sul, deve gerar impactos positivos sobre os volumes exportados pelo Brasil ao longo deste ano.

Além disso, a recente aprovação do acordo Mercosul-União Europeia tende a favorecer o setor. O acordo mantém o sistema de cotas tarifárias já em vigor entre o Brasil e a União Europeia e cria um novo contingente tarifário adicional, no âmbito do Mercosul, de 180 mil toneladas anuais isentas de tarifa, a ser compartilhado entre os países do bloco. Esse volume será composto por 50% de produtos com osso e 50% de produtos sem osso e terá implantação gradual em seis etapas anuais iguais, até atingir o volume total anual no sexto ano de vigência, momento a partir do qual o contingente passa a se repetir anualmente. No entanto, especialistas em comércio internacional alertam que o tratado ainda depende de ratificação pelos parlamentos nacionais dos dois blocos, processo que, mesmo em um cenário otimista, pode demandar pelo menos seis a sete meses, além de ajustes regulatórios e institucionais para sua efetiva implementação. Assim, é mais provável que os efeitos positivos desse instrumento sejam sentidos a partir de 2027.

Segundo as estimativas mais recentes do Departamento de Agricultura dos Estados Unidos (USDA), a União Europeia importou 775 mil toneladas de carne de frango em 2025. Desse total, cerca de 230 mil toneladas têm origem no Brasil, o que representa cerca de 30% do montante importado por aquele bloco. Esses dados demonstram que há possibilidade de ampliar a participação brasileira nesse mercado. Santa Catarina, por sua vez, exportou 96,6 mil toneladas de carne de frango para a União Europeia em 2025, o que equivale a 42% das exportações brasileiras desse produto para o bloco europeu.



A dificuldade de importantes produtores de carne de frango, como os Estados Unidos e a própria União Europeia, de controlarem os surtos de influenza aviária, também deve resultar em impactos positivos para as exportações brasileiras. Contudo, é fundamental que o país mantenha seu rígido controle sanitário, de forma a evitar a ocorrência de novos focos em território nacional, como o ocorrido no início do ano passado.

Em relação ao mercado interno, as perspectivas também são favoráveis para o setor. A perspectiva de mudança no ciclo pecuário, que tende a reduzir a oferta de carne bovina e, consequentemente, resultar em preços mais elevados, deve promover uma substituição de proteínas por parte dos consumidores, ampliando a busca por aquelas mais acessíveis, como é o caso da carne de frango.

A isenção de imposto de renda para quem recebe até cinco mil reais mensais também pode trazer bons resultados para o setor, já que uma parcela do tributo que deixa de ser pago deve ser destinada à aquisição de itens de alimentação que melhorem o padrão de consumo da família, como é o caso das carnes.

Diante desse contexto, as perspectivas para o setor avícola em 2026 são, de modo geral, positivas. A combinação entre a retomada de mercados externos estratégicos, a possibilidade de ampliação de quotas com a União Europeia e um mercado interno aquecido por fatores econômicos e de substituição de proteínas forma um cenário propício para crescimento. Contudo, esse otimismo está condicionado à manutenção do rigor sanitário nacional – fundamental para preservar a credibilidade internacional – e ao andamento dos trâmites políticos para a efetivação dos acordos comerciais. Se esses fatores forem favoráveis, o setor deve consolidar sua trajetória de expansão, beneficiando tanto a cadeia produtiva quanto o consumo interno.



Bovinocultura

Alexandre Luís Giehl

Engenheiro-agrônomo – Epagri/Cepa

alexandregiehl@epagri.sc.gov.br

Preços

Os preços do boi gordo apresentaram diversas oscilações ao longo do ano, em grande medida associadas às condições das pastagens e à demanda, tanto no mercado interno quanto no externo. A partir de agosto, porém, houve um predomínio de altas, como evidencia a Figura 1. Mesmo com essa tendência ascendente nos últimos meses, quando se compararam os preços de dezembro de 2025 com os valores do mesmo mês de 2024 – corrigidos pelo IGP-DI –, verificam-se situações bastante distintas entre os principais estados produtores, com variações inclusive negativas. Registraram-se altas no Paraná (3,3%), em Santa Catarina (2,3%), Goiás (0,3%) e Mato Grosso do Sul (0,2%). Por outro lado, quedas reais foram observadas no Rio Grande do Sul (-2,0%), Minas Gerais (-1,4%), Mato Grosso (-1,1%) e São Paulo (-0,6%).

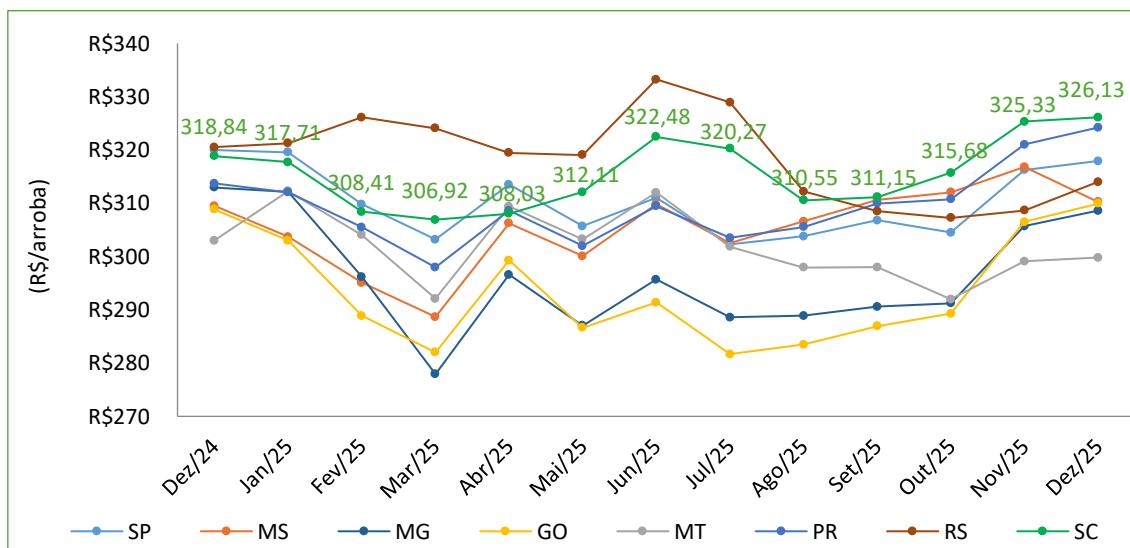


Figura 1. Bov gordo – SC¹, SP², MG², GO², MT², MS², PR³ e RS⁴: evolução dos preços da arroba (R\$/arroba)

Valores corrigidos pelo IGP-DI.

Fontes: ⁽¹⁾Epagri/Cepa; ⁽²⁾Cepea; ⁽³⁾Seab; ⁽⁴⁾Nespro

O cenário de altas predominante nos últimos meses do ano deve-se a uma soma de fatores, em especial ao bom desempenho da exportação de carne bovina do Brasil, que reduz a oferta no mercado doméstico, e a elevação da demanda interna, impulsionada pela proximidade das festividades de final de ano e pela prevalência de bons indicadores na economia brasileira (PIB, emprego, renda do trabalhador, entre outros).

Das dez regiões de Santa Catarina monitoradas pela Epagri/Cepa para o preço do boi gordo, seis apresentaram variações positivas na comparação entre os valores recebidos pelos produtores em dezembro de 2025 e os do mesmo mês de 2024 – corrigidos pelo IGP-DI –, com destaque para o Alto Vale do Itajaí (16,1%), Planalto Sul (11,8%) e Planalto Norte (4,3%). Por outro lado, houve quedas em outras quatro regiões, incluindo as duas que registram os maiores volumes de



produção de bovinos: o Meio Oeste (com queda de 6,3% no preço médio no período) e o Oeste (-2,0%).

No atacado, todos os cortes apresentaram tendência de alta em 2025, embora o movimento ascendente tenha sido suave e com algumas oscilações negativas pontuais ao longo do ano. Quando se comparam os valores de dezembro de 2025 com os do mesmo período do ano anterior – corrigidos pelo IGP-DI –, verifica-se uma alta de 6,9% no preço da carne de dianteiro e de 2,6% no da carne de traseiro, o que resulta em uma variação média de 4,7%.

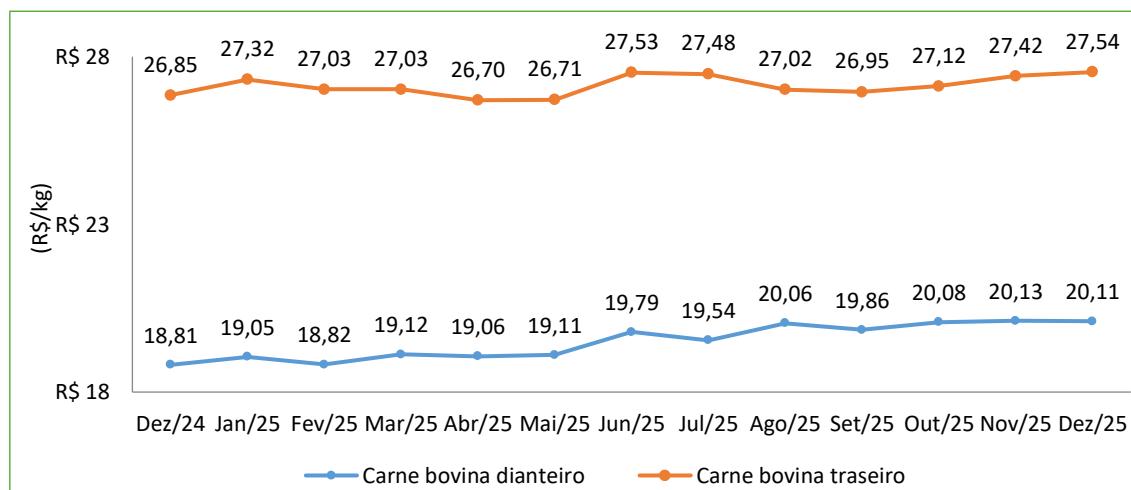


Figura 2. Carne bovina – Santa Catarina: atacado – preço médio mensal estadual (R\$/kg)

Valores corrigidos pelo IGP-DI.

Fonte: Epagri/Cepa

Custos

Os preços das duas categorias de animais de reposição apresentaram dois padrões predominantes de comportamento ao longo de 2025. No primeiro semestre, registraram-se altas acentuadas, fazendo com que, em junho, fossem atingidos os maiores patamares de preços do ano, conforme evidencia a Figura 3. Depois disso, observou-se um curto período de quedas, seguido de posterior estabilização e de uma suave tendência de alta no último quadrimestre do ano. Como resultado desse cenário, o preço dos bezerros de corte de até 1 ano registrou alta de 13,4% entre dezembro de 2024 e o mesmo mês de 2025, considerando-se a inflação do período (medida pelo IGP-DI). Os novilhos de corte de 1 a 2 anos, por sua vez, apresentaram uma variação real de 5,2% no mesmo período.

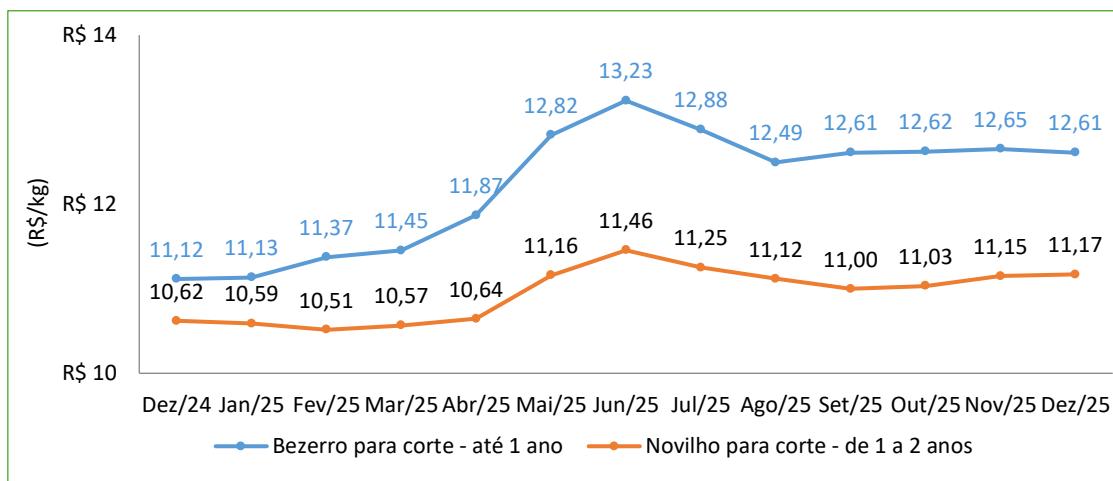


Figura 3. Bezerro e novilho para corte – Santa Catarina: evolução do preço médio estadual (R\$/kg)

Valores corrigidos pelo IGP-DI.

Fonte: Epagri/Cepa

Comércio exterior

Em dezembro, o Brasil exportou **342,3 mil toneladas** de carne bovina, volume que representa uma queda de 2,9% em relação a novembro, mas uma alta de 49,8% na comparação com dezembro de 2024. As receitas alcançaram **US\$1,84 bilhão**, recuo de 1,7% frente ao mês anterior, mas expressiva alta de 67,1% sobre o mesmo período do ano passado.

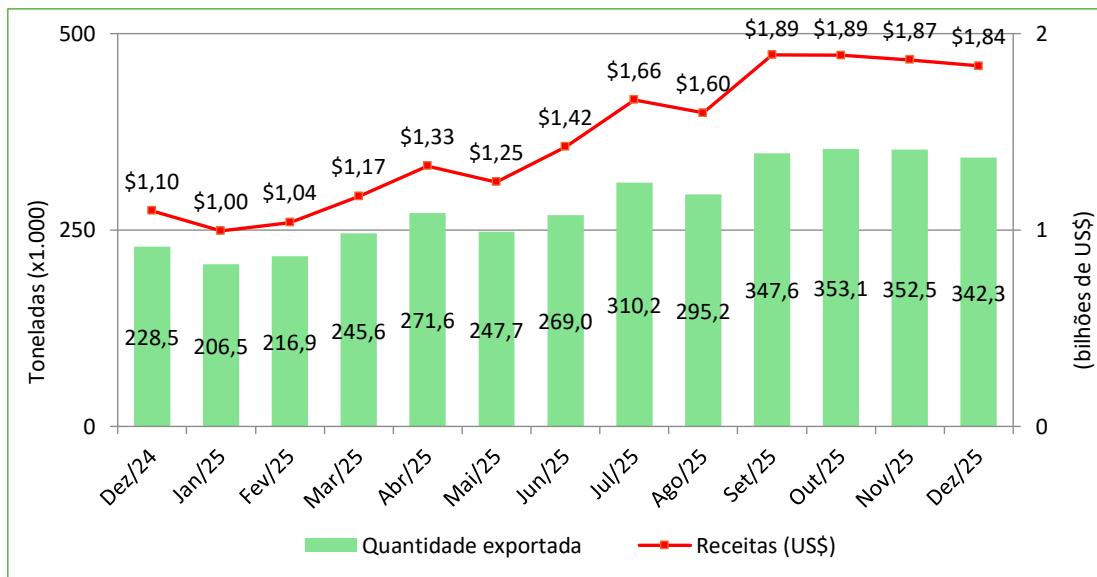


Figura 4. Carne bovina – Brasil: quantidade exportada e receitas

Fonte: MDIC/Comex Stat

O valor médio da carne *in natura* exportada pelo Brasil no último mês foi de **US\$5.605,99** por tonelada – alta de 1,8% ante novembro e de 13,2% em relação a dezembro de 2024.

No total, o Brasil exportou **3,46 milhões de toneladas** de carne bovina em 2025, com receitas de **US\$17,94 bilhões** – aumentos de 20,4% em volume e de 39,9% em valor na comparação com o



ano anterior. Trata-se do melhor desempenho já registrado desde o início da série histórica, em 1997.

O principal destino da carne bovina brasileira exportada no ano passado foi a China, responsável por 49,3% das receitas geradas por esse produto. As exportações de carne bovina para o mercado chinês cresceram 24,6% em termos de volume e 47,9% em valor, na comparação com 2024.

Apesar da taxa adicional de importação de 40% imposta pelo governo dos Estados Unidos aos produtos brasileiros a partir de agosto, o mercado estadunidense foi o segundo principal destino da carne bovina brasileira, respondendo por 9,1% das receitas do ano passado. Vale destacar que, em meados de novembro, foi anunciada a suspensão da taxação adicional para diversos produtos, dentre os quais a carne bovina.

Embora praticamente todos os principais destinos tenham registrado resultados positivos, vale destacar o caso do México, que ampliou suas aquisições em 156,9% em volume e 199,8% em receitas e atualmente ocupa a quarta posição no ranking nacional. Também merece menção a Rússia, quinto principal destino da carne bovina brasileira e que ampliou expressivamente suas aquisições (46,9% em volume e 75,2% em receita), recuperando o protagonismo nesse segmento.

Santa Catarina, por sua vez, exportou 2,67 mil toneladas de carne bovina no ano passado, com faturamento de US\$12,0 milhões, o que representa um crescimento de 35,6% em volume e de 51,8% em valor, na comparação com 2024.

Produção

Segundo os dados da Cidasc, sistematizados pela Epagri/Cepa, em 2025⁷ foram produzidas 761,3 mil cabeças de bovinos em Santa Catarina, montante **11,2% superior** ao registrado em 2024. Esse é o melhor resultado registrado no estado desde o início da série histórica, em 2013.

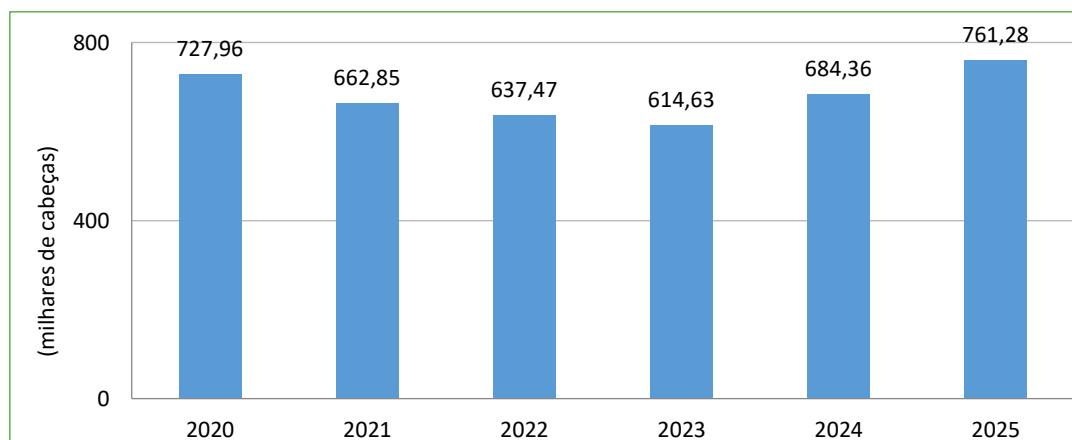


Figura 5. Bovinos – Santa Catarina: produção mensal (abates inspecionados)

Fonte: Cidasc

As fêmeas representaram 55,5% dos animais abatidos no ano passado, participação que foi de 52,5% em 2024 e 49,9% em 2023. O crescimento na participação de fêmeas nos últimos dois

⁷ Os dados referentes a novembro de 2025 são preliminares, passíveis de atualização ao longo do corrente mês.



anos abates é um dos indicadores da mudança do ciclo pecuário em curso, com prováveis impactos na oferta futura de animais e, consequente, de carne bovina.

Perspectivas para 2026

O crescimento no abate de fêmeas, fenômeno que vem sendo registrado nos últimos dois anos em Santa Catarina e no Brasil, deve começar a surtir efeitos mais visíveis em 2026, resultando em uma menor oferta de animais de reposição e, posteriormente, de bovinos prontos para o abate. Com isso, a expectativa é de que este ano seja marcado por variações positivas e consistentes nos preços do boi gordo.

Em relação ao mercado internacional, as projeções novamente são favoráveis, não obstante alguns percalços que se apresentaram no final de 2025 e que podem ter efeitos significativos ao longo de 2026. Um desses percalços foi a decisão do governo da China de aplicar medidas de salvaguarda a suas importações globais de carne bovina. A decisão foi justificada pelo governo chinês como uma forma de proteger a indústria local, alegando que o aumento das importações causou “graves danos” aos produtores domésticos. A medida entrou em vigor em 1º de janeiro, tendo duração prevista de três anos e estabelece uma cota anual inicial de 1,1 milhão de toneladas de carne bovina para o Brasil. As exportações que ultrapassarem a cota pagarão uma sobretaxa de 55%. Em 2025, o Brasil exportou 1,65 milhão de toneladas desse produto para a China. Tal medida deve reduzir a competitividade do produto brasileiro no mercado chinês, resultando em potenciais quedas de exportação.

Diante desse cenário, o governo brasileiro informou que buscará dialogar com o governo chinês com vistas à suspensão dessa medida ou ao aumento da cota destinada ao Brasil. Especialistas apontam que é provável que o Brasil busque diversificar mercados, de forma a reduzir os efeitos negativos dessa medida.

Por outro lado, a recente aprovação do acordo Mercosul-União Europeia tende a favorecer o setor. No caso da carne bovina, o acordo prevê uma cota de 99 mil toneladas, dividida entre 55% de carne resfriada e 45% congelada, com tarifa intraquota de 7,5% e crescimento gradual ao longo de seis etapas anuais. Além disso, a Cota Hilton, que estabelece um volume limite de exportação de 10 mil toneladas, terá a tarifa reduzida de 20% para zero com a entrada em vigor do acordo. No entanto, especialistas em comércio internacional alertam que o tratado ainda depende de ratificação pelos parlamentos nacionais dos dois blocos, processo que, mesmo em um cenário otimista, pode demandar pelo menos seis a sete meses, além de ajustes regulatórios e institucionais para sua efetiva implementação. Assim, é mais provável que os efeitos positivos desse instrumento sejam sentidos somente a partir de 2027.

Segundo as estimativas mais recentes do Departamento de Agricultura dos Estados Unidos (USDA), a União Europeia importou 355 mil toneladas de carne bovina em 2025. Desse total, cerca de 128 mil toneladas têm origem no Brasil, o que representa cerca de 36% do montante importado por aquele bloco. Esses dados demonstram que há possibilidade de ampliar a participação brasileira nesse mercado.

Em síntese, o setor de bovinocultura de corte encara 2026 com um cenário contrastante, porém com perspectivas positivas no geral. A dinâmica interna de oferta, pressionada pela alta histórica no abate de fêmeas, constitui o principal suporte para a valorização dos preços do boi gordo. No plano externo, enquanto o acordo com a União Europeia promete abrir novas oportunidades no médio prazo, a imediata aplicação de salvaguardas pela China impõe um desafio significativo que exigirá esforços diplomáticos e estratégicos de diversificação de mercados.



Suinocultura

Alexandre Luís Giehl

Engenheiro-agrônomo – Epagri/Cepa

alexandregiehl@epagri.sc.gov.br

Preços

Em 2025, os preços do suíno vivo apresentaram diversas oscilações nos principais estados produtores, resultando principalmente de variações na oferta e na demanda. Quando se compararam os valores de dezembro de 2025 com os do mesmo mês de 2024 – corrigidos pelo IGP-DI –, registraram-se variações negativas em todos os cinco estados analisados (Figura 1). Contudo, quando se leva em consideração os preços de janeiro do ano passado (corrigidos pelo IGP-DI) e se compara com os

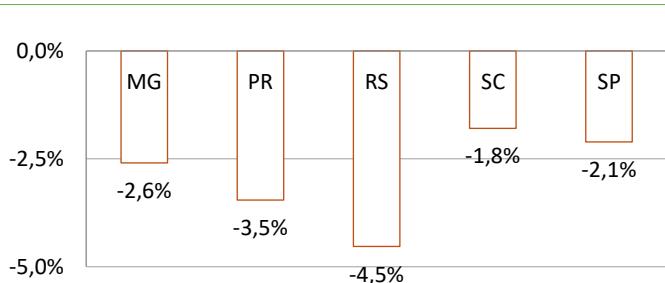


Figura 1. Suíno vivo – SC, MG, PR, RS e SP: variação do preço ao produtor (dez./24-dez./25⁽¹⁾)

Valores corrigidos pelo IGP-DI.

Fonte: Cepea (MG, PR, RS e SP) e Epagri/Cepa (SC)

valores registrados no último mês do ano, observam-se variações positivas em todos os casos, a maioria delas bastante expressiva: 13,0% em São Paulo, 10,4% no Paraná, 7,4% em Minas Gerais, 5,8% no Rio Grande do Sul e 3,7% em Santa Catarina. Assim, é possível afirmar que o ano de 2025 começou com uma queda bastante expressiva e, no restante do período, predominou um processo de recuperação gradual.

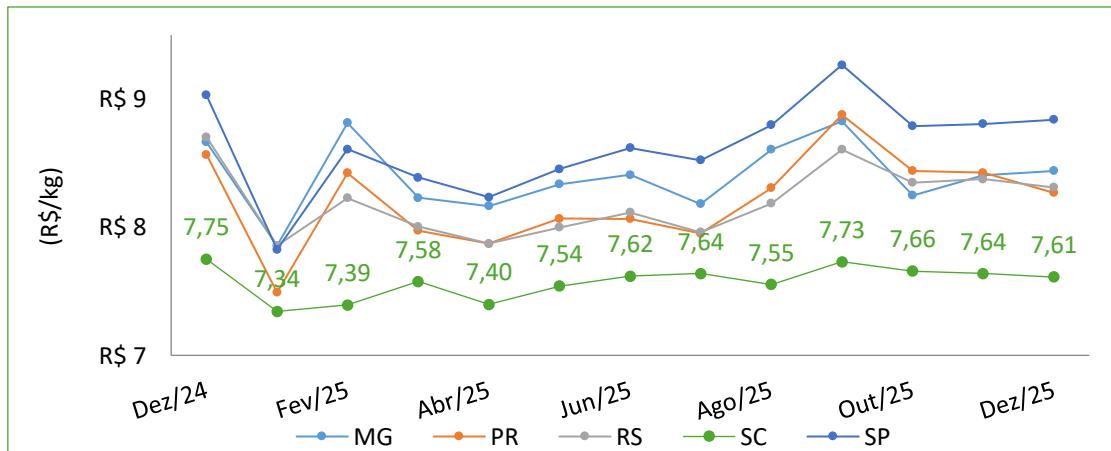


Figura 2. Suíno vivo – SC, MG, PR, RS e SP: evolução do preço ao produtor (R\$/kg)

Valores corrigidos pelo IGP-DI.

Fonte: Cepea (MG, PR, RS e SP) e Epagri/Cepa (SC)

Quando se leva em consideração o tipo de vínculo dos produtores com as agroindústrias, observa-se que os preços pagos aos integrados de Santa Catarina apresentaram um movimento de alta no primeiro quadrimestre e, depois, mantiveram-se relativamente estáveis, resultando num aumento de 3,9% entre dezembro de 2024 e dezembro de 2025 (valores corrigidos pelo IGP-DI do período). Por outro lado, os preços pagos aos produtores independentes apresentaram



diversas oscilações ao longo de 2025, a começar pela queda de 9% entre dezembro de 2024 e janeiro de 2025, redução que foi parcialmente recuperada nos meses seguintes. Quando se comparam os valores de dezembro de 2025 com o mesmo mês de 2024, observa-se uma queda de 6,2% em termos reais.

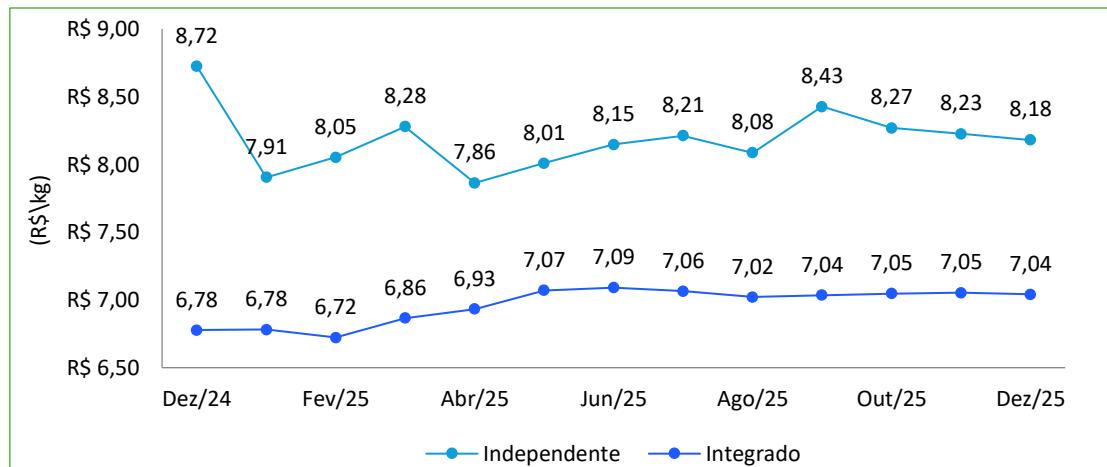


Figura 3. Suíno vivo – Santa Catarina: preço médio mensal para o produtor independente e para o produtor integrado

Valores corrigidos pelo IGP-DI.

Fonte: Epagri/Cepa

No mercado atacadista, o primeiro semestre de 2025 foi marcado por uma relativa estabilidade e por movimentos de queda em alguns cortes, enquanto no segundo semestre prevaleceu a tendência de alta. Quando se comparam os preços de dezembro de 2025 com os do mesmo mês de 2024 – corrigidos pelo IGP-DI –, verificam-se variações positivas em todos os casos, algumas com índices bastante expressivos: costela (17,2%), carrê (14,5%), lombo (13,6%), pernil (8,9%) e carcaça suína (1,4%). A variação média foi de 11,1%.

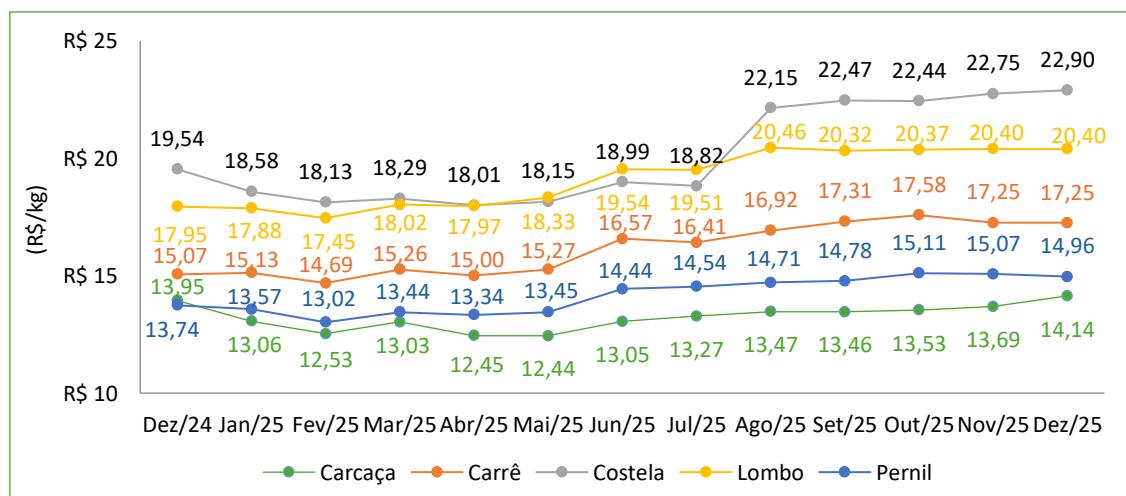


Figura 4. Carne suína – Santa Catarina: preço médio mensal estadual dos principais cortes suínos no atacado (R\$/kg)

Valores corrigidos pelo IGP-DI.

Fonte: Epagri/Cepa



Esse cenário de altas, tanto no preço do suíno vivo quanto no da carne suína, está associado principalmente ao crescimento das exportações, como veremos adiante.

Custos

Segundo a Embrapa Suínos e Aves, o custo de produção de suínos em ciclo completo em Santa Catarina foi de R\$6,48 por kg de peso vivo em dezembro, o que representa uma alta de 0,9% em relação ao valor apurado no mês anterior. Na comparação com dezembro de 2024, por sua vez, o valor atual registra elevação de 5,7%, considerando-se o IGP-DI do período.

Ainda de acordo com os dados da Embrapa, o principal componente do custo de produção de suínos em Santa Catarina no último ano foi a ração (71,5%). Cabe ressaltar que a participação da alimentação registrou queda em relação ao ano anterior, quando representou 73,2% do total. De fato, desde que atingiu o pico em 2021 – quando correspondeu a 81,5% dos custos –, esse componente tem apresentado reduções consecutivas.

No que diz respeito aos preços dos leitões, o ano de 2025 foi marcado pela tendência de alta em ambas as categorias (6kg a 10kg e aproximadamente 22kg, não obstante algumas oscilações negativas pontuais. Na comparação entre os valores de dezembro do ano passado e os do mesmo mês de 2024 (corrigidos pelo IGP-DI), observam-se variações positivas nos dois casos: 4,6% para os leitões de 6kg a 10kg e 6,5% para os leitões de aproximadamente 22kg.

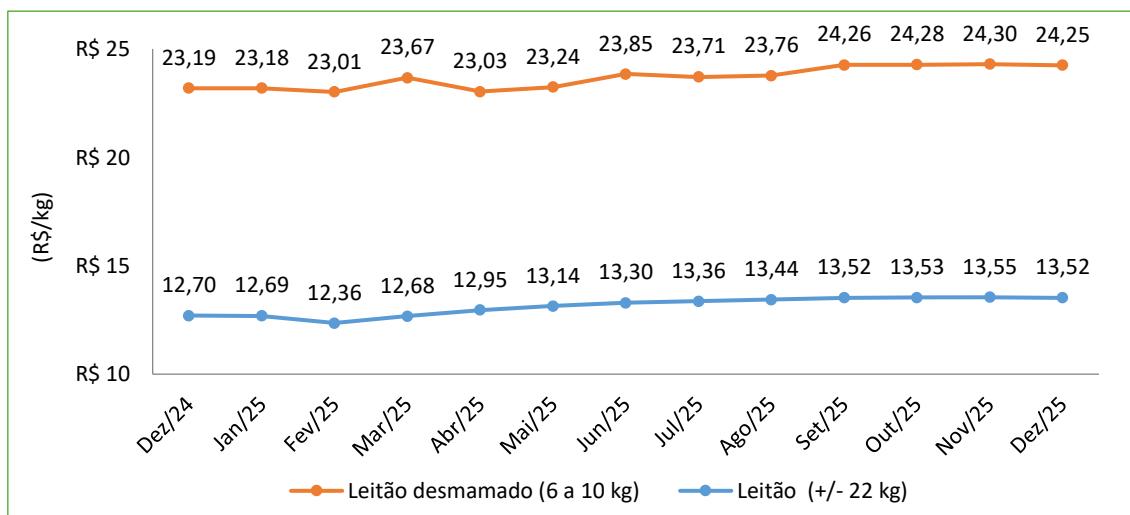


Figura 5. Leitões – Santa Catarina: preço médio mensal por categoria (R\$/kg)

Valores corrigidos pelo IGP-DI.

Fonte: Epagri/Cepa

Já a relação de troca insumo-produto encerrou o ano com uma ligeira tendência de alta, conforme mostra a Figura 6. Entretanto, na comparação entre dezembro de 2025 e o mesmo mês de 2024, há uma queda de 4,2%. Isso significa que os produtores precisam de aproximadamente 0,4 kg a menos de suíno vivo do que no mesmo período do ano anterior para comprar uma saca de milho. Esse resultado deve-se essencialmente à queda de 7,1% no preço do milho no Oeste Catarinense, efeito parcialmente anulado pelo recuo de 3,0% no preço do suíno vivo na mesma região.

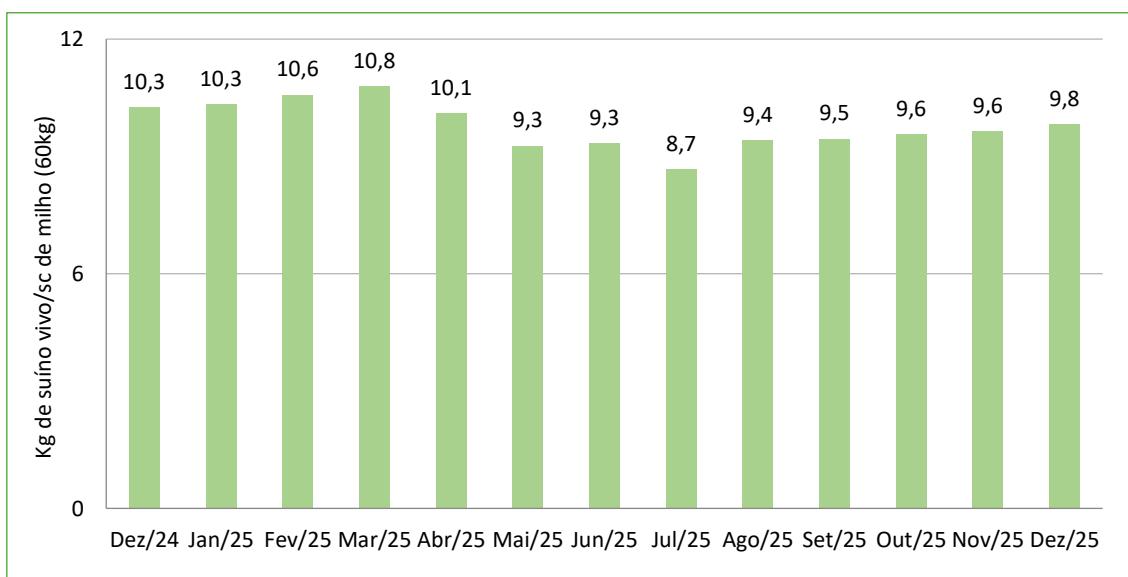


Figura 6. Suíno vivo – Região Oeste/SC: quantidade necessária (kg) para adquirir uma saca de 60kg de milho

Para o cálculo da relação de troca, utiliza-se a média entre o preço ao produtor independente e ao produtor integrado do suíno vivo. No caso do milho, leva-se em consideração o preço de atacado do produto. Ambos os produtos têm como referência os preços de Chapecó/SC.

Fonte: Epagri/Cepa

Comércio exterior

Em dezembro, o Brasil exportou 134,5 mil toneladas de carne suína, volume que representou um aumento de 29,4% em relação a novembro e de 26,1% na comparação com dezembro de 2024. As receitas atingiram US\$321,4 milhões, com crescimento de 30,8% frente ao mês anterior e de 25,8% em relação a dezembro do ano passado. Os resultados de dezembro refletem a normalização dos embarques, após problemas logísticos que afetaram alguns portos em novembro e provocaram variações negativas naquele mês.

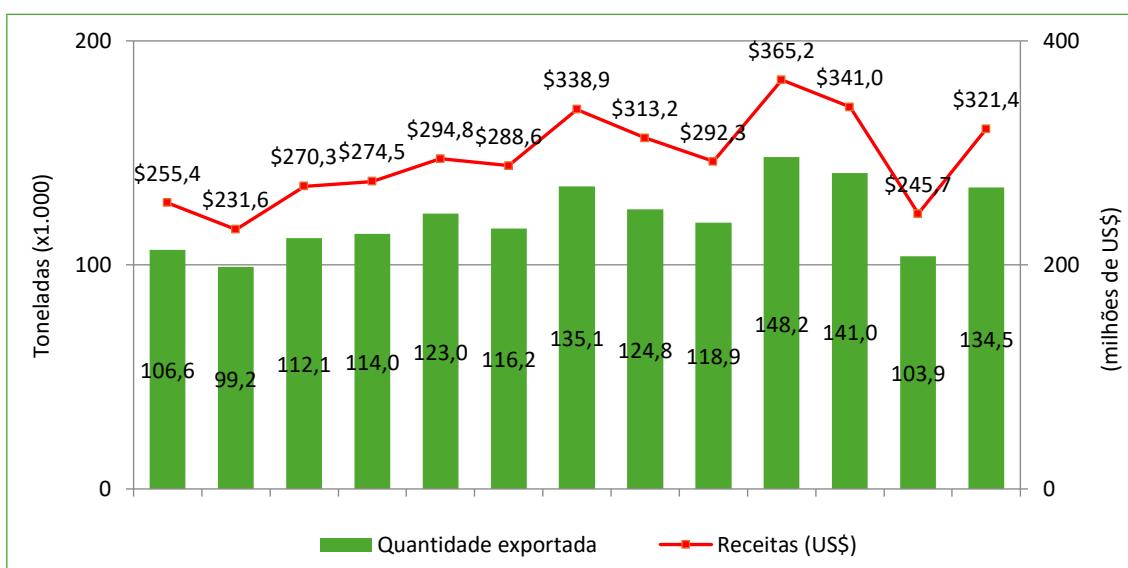


Figura 7. Carne suína – Brasil: quantidade exportada e receitas

Fonte: MDIC/Comex Stat



No acumulado de janeiro a dezembro, as exportações brasileiras totalizaram **1,47 milhão** de toneladas, gerando receitas de **US\$3,58 bilhões** – avanços de 12,5% em volume e 19,6% em valor na comparação com o ano anterior. Os números representam o melhor resultado de toda a série histórica, iniciada em 1997. Com os recentes crescimentos, o Brasil superou o Canadá e tornou-se o terceiro maior exportador mundial de carne suína.

No ano, os principais destinos das exportações brasileiras foram as Filipinas, que concentraram 24,7% das receitas totais, seguidas pelo Japão (10,9%), China (10,2%), Chile (8,2%) e Hong Kong (7,3%).

Santa Catarina, por sua vez, exportou 68,0 mil toneladas de carne suína em dezembro, volume que representou uma alta de 35,1% em relação a novembro e de 10,4% ante o mesmo mês de 2024. A receita obtida foi de US\$169,7 milhões, o que corresponde a um crescimento de 38,1% frente a outubro e de 11,9% em relação a dezembro de 2024.

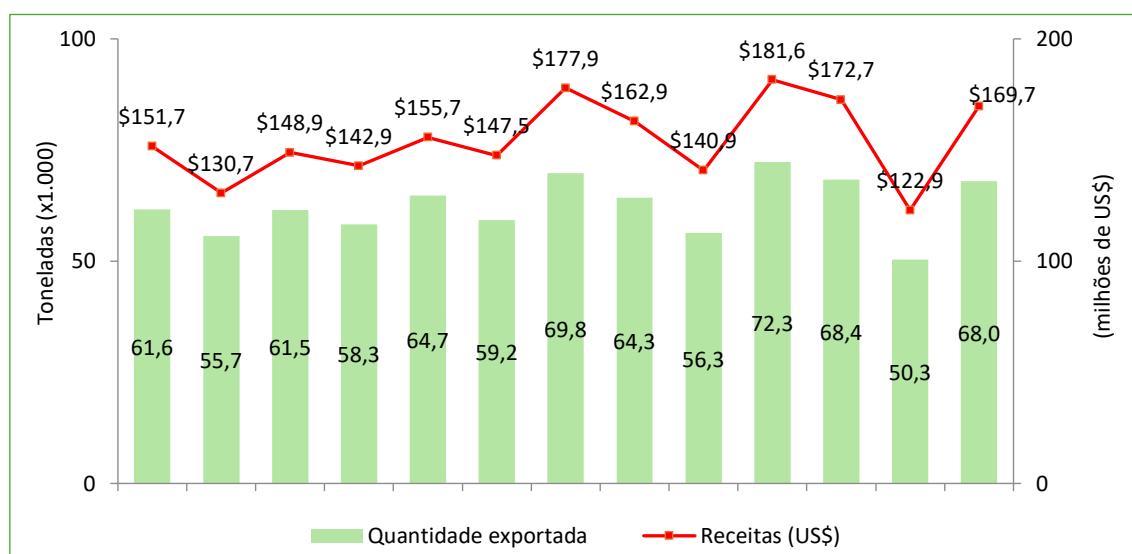


Figura 8. Carne suína – Santa Catarina: quantidade exportada e receitas

Fonte: MDIC/Comex Stat

O preço médio da carne suína *in natura* exportada por Santa Catarina em dezembro ficou em **US\$2.594,69** por tonelada – alta de 2,8% ante novembro e de 1,4% na comparação a dezembro do ano anterior.

No acumulado anual, o estado exportou **748,8 mil toneladas** e obteve receitas de **US\$1,85 bilhão**, o que significa altas de 4,1% em quantidade e 9,4% em receita em relação a 2024. Trata-se do **melhor desempenho anual de toda a série histórica**, tanto em quantidade quanto em receita.

Os três principais destinos da carne suína catarinense em 2025 foram o Japão (21,0% da receita total), as Filipinas (19,2%) e a China (15,6%). Vale destacar o crescimento das exportações para o México, país que conquistou recentemente a quarta posição no ranking catarinense, com aumentos de 78,7% em quantidade e 82,8% em receita ante 2024.



Tabela 1. Carne suína – Santa Catarina: principais destinos das exportações – jan. a dez./2025

País	Valor (US\$)	Participação (%)	Quantidade (t)	Participação (%)
Japão	389.924.388,00	21,0	114.359	15,3
Filipinas	356.768.473,00	19,2	157.710	21,1
China	290.177.725,00	15,6	132.965	17,8
México	186.726.669,00	10,1	76.489	10,2
Chile	181.523.526,00	9,8	73.848	9,9
Demais países	449.271.188,00	24,2	193.449	25,8
Total	1.854.391.969,00	100	748.820	100

Fonte: MDIC/Comex Stat

Considerando o mercado nacional, Santa Catarina foi responsável por 50,9% do volume e 51,8% da receita total das exportações brasileiras de carne suína entre janeiro e dezembro de 2025.

Produção

Segundo os dados da Cidasc, sistematizados pela Epagri/Cepa, em 2025⁸ o estado de Santa Catarina produziu **18,3 milhões de suínos**⁹ – um crescimento de 2,1% em relação à produção de 2024. Esse é o maior volume já registrado desde o início da série histórica, em 2013.

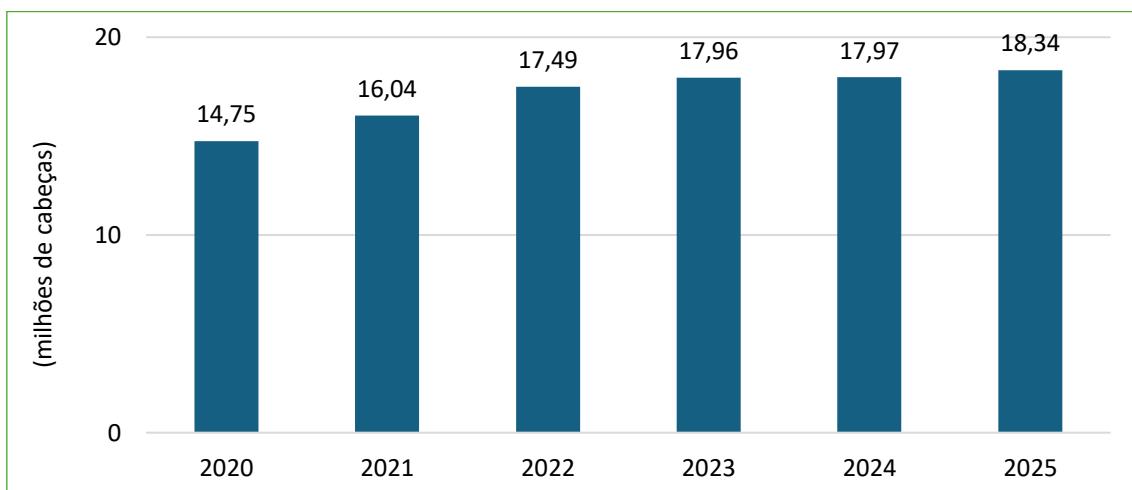


Figura 9. Suínos – Santa Catarina: produção mensal

Fonte: Cidasc

O crescimento sustentado da produção catarinense, que vem batendo sucessivos recordes anuais, reflete a consolidação de um modelo produtivo eficiente, com investimentos contínuos em sanidade animal, tecnologia e gestão. Esse desempenho reflete não só a crescente demanda do mercado interno, como também fornece a base para o protagonismo do estado nas

⁸ Os dados referentes a dezembro de 2025 são preliminares, passíveis de atualização no próximo Boletim Agropecuário.

⁹ Desse total, 89,5% foram abatidos em Santa Catarina, sendo o restante destinado a abatedouros localizados em outros estados.



exportações, consolidando Santa Catarina como o maior polo produtor e exportador de carne suína do Brasil.

Perspectivas para 2026

O ano de 2026 deverá ser positivo para o setor suinícola, principalmente em função do mercado externo. A consolidação de importantes destinos e a diversificação de mercados ao longo de 2025 são elementos que devem garantir a continuidade dos bons resultados neste ano.

A recente aprovação do acordo Mercosul-União Europeia também tende a favorecer o setor. Para a carne suína, o acordo estabelece um contingente tarifário preferencial específico para o Mercosul, situação que não existia anteriormente. A cota final prevista é de 25 mil toneladas anuais, a qual estará sujeita a uma tarifa de 83 euros por tonelada, substancialmente inferior à tarifa aplicada fora da cota (que, a depender do corte, pode chegar a 1.400 euros). A implementação será gradual, ao longo de seis anos. De acordo com a Associação Brasileira de Proteína Animal (ABPA), no entanto, a utilização efetiva dessa cota pelo Brasil dependerá da conclusão dos trâmites sanitários junto à União Europeia, incluindo a aprovação do Certificado Sanitário Internacional. Além disso, o Brasil terá que competir com a produção local, especialmente aquela oriunda da Alemanha e Espanha, os dois principais produtores de suínos da Europa e que possuem elevados patamares de eficiência produtiva.

Especialistas em comércio internacional alertam que o tratado ainda depende de ratificação pelos parlamentos nacionais dos dois blocos, processo que, mesmo em um cenário otimista, pode demandar pelo menos seis a sete meses, além de ajustes regulatórios e institucionais para sua efetiva implementação. Assim, é mais provável que os efeitos positivos desse instrumento sejam sentidos somente a partir de 2027.

Por outro lado, o recente estabelecimento por parte do governo mexicano de cotas de importação de carne suína gera alguma preocupação para o setor. Segundo a resolução, fica autorizada a importação de 51 mil toneladas de carne suína por ano com isenção tarifária. Os volumes excedentes pagarão uma tarifa de 16%. A medida vale para países com os quais o México não mantenha acordo de livre comércio, grupo no qual o Brasil se enquadra. Em 2025, o Brasil exportou 76,5 mil toneladas de carne suína para o México, 99,8% com origem em Santa Catarina. Os impressionantes crescimentos dos embarques para aquele país no último ano colocaram o México na posição de quarto principal comprador da carne suína catarinense.

Em relação ao mercado interno, as projeções também são positivas. Os custos de produção devem permanecer relativamente estáveis, apesar das recentes altas, não se vislumbrando nenhum choque de custos no curto e médio prazo. Paralelamente, a demanda deve se manter firme, alicerçada principalmente nos bons indicadores projetados para a economia brasileira neste ano (PIB, emprego, renda, entre outros) e na perspectiva de mudança do ciclo pecuário, o que pode tornar a carne suína mais competitiva em relação à bovina.

Em síntese, não obstante alguns desafios, o ano de 2026 otimista deverá ser positivo para o setor suinícola. A combinação de um mercado internacional diversificado e resiliente e um mercado doméstico aquecido e com custos controlados, forma um cenário propício para o crescimento sustentável da atividade.



Andréa Castelo Branco Brasileiro-Assing

Economista, Dra.. – Epagri/Cepa

andreasising@epagri.sc.gov.br

Produção de leite – Mundo e Brasil

Em novembro de 2025, a FAO publicou o Food Outlook, Relatório semestral sobre os mercados alimentares globais, que reúne informações atualizadas sobre a produção mundial de lácteos. De acordo com as estimativas e projeções da instituição, a produção global de lácteos apresentou crescimento de aproximadamente 1,37% em 2025, passando de 978.967 mil toneladas, em equivalente leite, em 2024, para 992.337 mil toneladas em 2025 (tabela 1).

Entre as regiões analisadas, a América do Sul registrou expansão de 2,97% na produção de lácteos entre 2024 e 2025, elevando-se de 69.213 mil toneladas para 71.270 mil toneladas, a maior variação percentual entre os continentes no período. Na sequência, destaca-se a América Central e o Caribe, com aumento de 2,19% na produção. A Ásia, por sua vez, manteve a liderança na produção mundial de lácteos, respondendo por 46,7% do total global, com volume estimado em 463.421 mil toneladas em 2025.

No contexto sul-americano, o Brasil concentrou aproximadamente 55% da produção regional, com 38.928 mil toneladas de lácteos (em equivalente leite) em 2025, volume 2% superior ao registrado em 2024. Entre os países da região, a Argentina apresentou a maior taxa de crescimento da produção no período (6,25%), enquanto o Uruguai registrou retração de 11,92%.

A expansão da oferta mundial de lácteos tem contribuído para pressões baixistas sobre os preços internacionais. Nesse contexto, o Índice Internacional de Preços de Lácteos da FAO, que vinha em trajetória de elevação desde janeiro de 2025, passou a apresentar movimento de queda a partir de junho do mesmo ano. Ainda assim, no acumulado de janeiro a outubro de 2025, o índice registrou variação 17,3% superior à observada no mesmo período de 2024.

Tabela 1. Estimativas e previsões da FAO para a produção de leite no Mundo

Região	País	Produção 2021-23 (média)	Produção 2024 (estimativa)	Produção 2025 (previsão)	Variação % 2025/2024	Part. % Mundo	Part. % na América do Sul
ÁSIA		435.091	456.078	463.421	1,61	46,70	-
ÁFRICA		54.306	53.612	54.629	1,90	5,51	-
AMÉRICA CENTRAL E CARIBE		20.054	20.310	20.755	2,19	2,09	-
AMÉRICA DO SUL		68.663	69.213	71.270	2,97	7,18	-
	Argentina	11.823	10.908	11.590	6,25	1,17	16
	Brasil	36.654	38.165	38.928	2,00	3,92	55
	Colômbia	7.667	7.943	8.350	5,12	0,84	12
	Uruguai	2.269	2.407	2.120	-11,92	0,21	3
AMÉRICA DO NORTE		112.566	112.460	113.157	0,62	11,40	-
EUROPA		233.529	237.071	238.471	0,59	24,03	-
OCEANIA		30.069	30.223	30.634	1,36	3,09	-
MUNDO		954.176	978.967	992.337	1,37	100	-

Valores em mil toneladas de equivalente leite.

Fonte: Food Outlook – FAO, novembro/2025

Comércio Exterior

Balança Comercial Láctea Brasileira

Em dezembro de 2025, o Brasil exportou 3,7 mil toneladas de produtos lácteos (figura 1), volume 23,3% superior ao registrado em novembro de 2025 (3,0 mil toneladas) e 27,6% maior em relação a dezembro de 2024, quando as exportações somaram 2,9 mil toneladas.

Em termos de receita, as exportações totalizaram 7,2 milhões de dólares (valor FOB), o que representa leve recuo de 1,4% em comparação a novembro de 2025 (7,3 milhões de dólares). Na comparação interanual, a receita também apresentou queda de 4,0% frente a dezembro de 2024, quando havia alcançado 7,5 milhões de dólares, a preços correntes daquele ano.

Em novembro, entre os principais produtos lácteos exportados pelo Brasil, considerando a quantidade em toneladas, destacaram-se soro de leite (42% do total exportado), leite fluído (16%), leite condensado (15%). Os principais destinos dessas exportações foram a China (28%), Uruguai (18%) e Paraguai (10%).

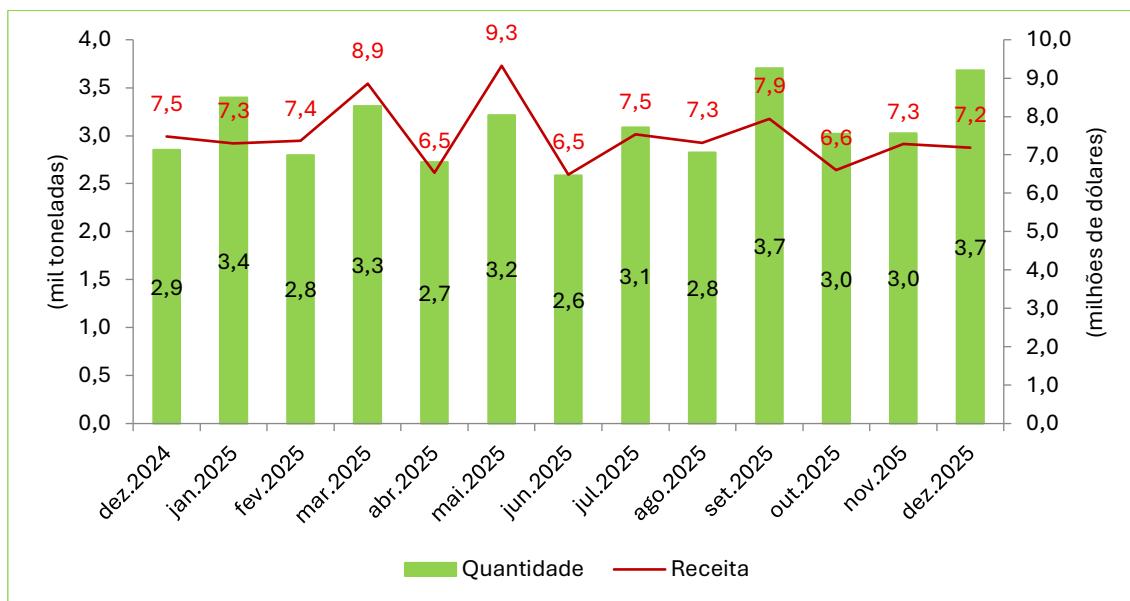


Figura 1. Leite – Brasil: evolução das exportações mensais – (dez./2024 a dez./2025)

Fonte: Comex Stat/Mdic, janeiro/2025

Em dezembro de 2025, o Brasil importou 19,2 mil toneladas de lácteos (figura 2), o que representa queda de 6% em relação a novembro de 2025 (20,4 mil toneladas) e redução de 18% na comparação com dezembro de 2024 (23,5 mil toneladas).

O valor das importações somou 71,7 milhões de dólares (FOB), registrando queda de 5% frente a novembro de 2025 (75,3 milhões de dólares) e recuo de 18% em relação a dezembro de 2024 (87,8 milhões de dólares).

Os principais produtos importados no mês de novembro foram leite em pó (70%), queijos (18%) e soro de leite (8%), originários da Argentina (64%), Uruguai (17%) e Paraguai (11%).

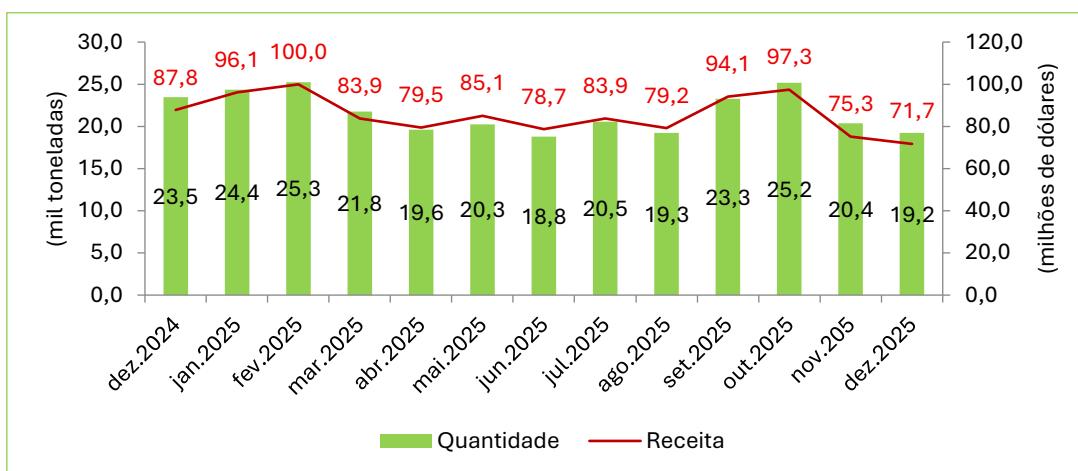


Figura 2. Leite – Brasil: evolução das importações mensais – (dez./2024 a dez./2025)

Fonte: Comex Stat/Mdic, janeiro/2025

A balança comercial brasileira de produtos lácteos registrou, em dezembro de 2025, um déficit de 15,5 mil toneladas. Esse volume foi 11% menor em relação a novembro de 2025, quando o déficit havia sido de 17,4 mil toneladas. Na comparação com dezembro de 2024, período em que o déficit alcançou 20,6 mil toneladas, observa-se uma redução de aproximadamente 25%.

Balança Comercial Láctea Catarinense

Em dezembro de 2025, o estado de Santa Catarina exportou 73,5 toneladas de produtos lácteos (figura 3), volume que representa aumento de 13% em relação a novembro de 2025 (64,8 toneladas) e expressiva alta de 127% na comparação com dezembro de 2024, quando as exportações somaram 32,4 toneladas.

Em termos de receita, as exportações totalizaram aproximadamente 260 mil dólares (valor FOB), o que corresponde um crescimento de 44% frente a novembro de 2025 (180 mil dólares) e elevação de 333% em relação a dezembro de 2024, quando a receita havia sido de cerca de 60 mil dólares.

Os principais itens exportados foram leite em pó (72%), leite fluido (19%) e creme de leite (6%). Os principais destinos das exportações foram São Vicente e Granadinas (68%), Uruguai (16%) e Paraguai (6%), conforme dados do Sistema Integrado de Comércio Exterior (Siscomex).

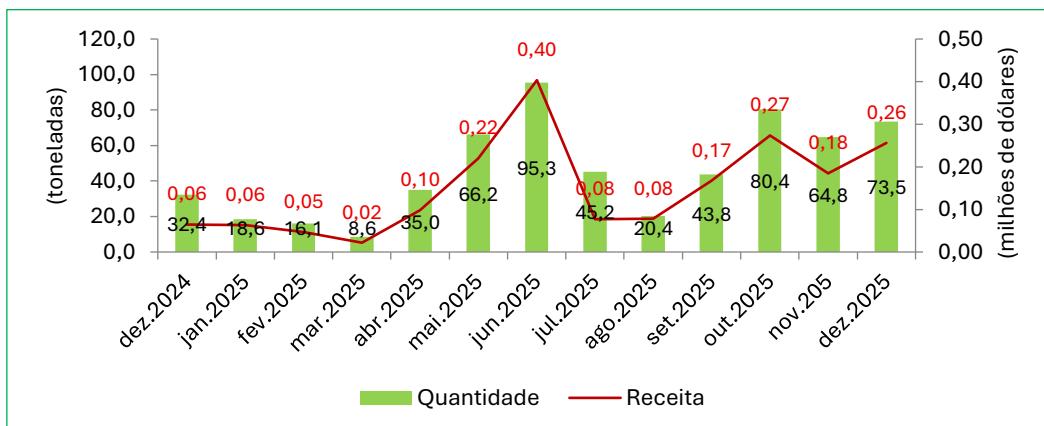


Figura 3. Leite – SC: evolução das exportações mensais – (dez./2024 a dez./2025)

Fonte: Comex Stat/Mdic, janeiro/2025



No mês de dezembro de 2025, as importações de produtos lácteos por Santa Catarina totalizaram 601 toneladas (figura 4), o que representa aumento de 8% em relação a novembro de 2025 (555 toneladas) e, ainda assim, uma queda de 14% na comparação com dezembro de 2024, quando foram importadas 701 toneladas.

A receita das importações somou 2,2 milhões de dólares (valor FOB), mantendo-se estável em relação a novembro de 2025 (2,2 milhões de dólares) e registrando recuo de 27% frente a dezembro de 2024, quando o valor importado alcançou 3,0 milhões de dólares.

Os principais produtos importados foram leite em pó (60%), queijos (19%), e soro de leite (17%), originários da Argentina (85%) e do Uruguai (15%).

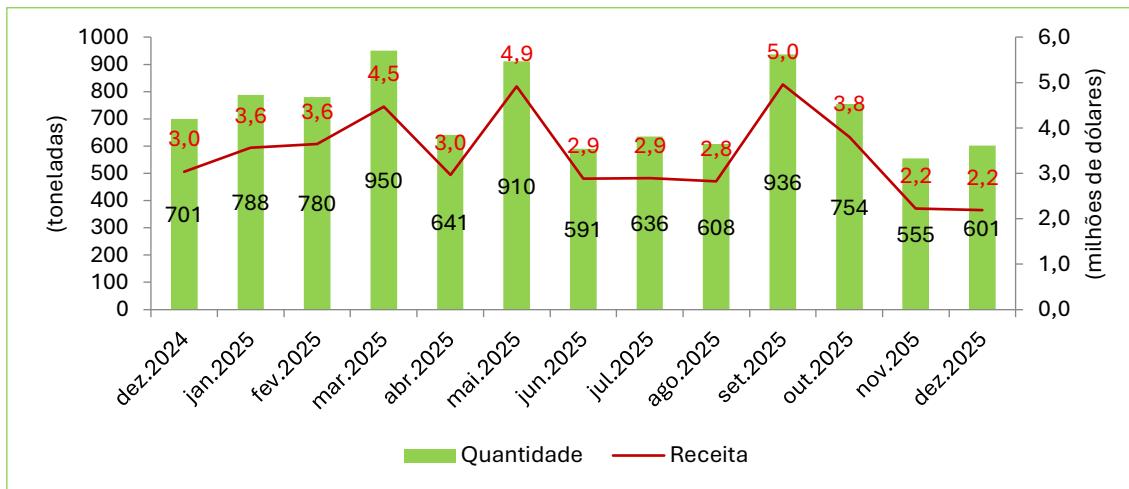


Figura 4. Leite – SC: evolução das importações mensais – (dez./2024 a dez./2025)

Fonte: Comex Stat/Mdic, janeiro/2025

A balança comercial catarinense de produtos lácteos registrou, em dezembro de 2025, um déficit de aproximadamente 528 toneladas, resultado de importações de 601 toneladas e exportações de 73,5 toneladas. Esse saldo negativo representou aumento de cerca de 8% em relação a novembro de 2025, quando o déficit foi de aproximadamente 490 toneladas.

Na comparação com dezembro de 2024, período em que o déficit alcançou cerca de 669 toneladas, observa-se melhora no desempenho da balança, com redução de aproximadamente 21% no saldo negativo.

Preços internacionais

Leite em pó integral

Em consonância com a trajetória do índice de preços de lácteos da FAO, dados do Departamento de Agricultura dos Estados Unidos (USDA) indicam queda nos valores por tonelada do leite em pó integral por volta do mês de junho de 2025 (figura 5). Entre as regiões analisadas, a América do Sul apresentou maior estabilidade de preços ao longo do período. Ainda assim, encerrou o ano com o maior valor médio pago pela tonelada do produto (US\$ 3.900,00/tonelada), o que implica menor competitividade no mercado internacional em comparação com a Europa e a Oceania, apesar de ter registrado preços inferiores aos europeus até o mês de setembro.



No acumulado do ano, a redução mais expressiva ocorreu na Europa, onde o preço da tonelada do produto recuou 22%, passando de US\$ 4.469,00 para US\$ 3.500,00. Na Oceania e na América do Sul, as quedas foram de 15% e 5%, respectivamente.

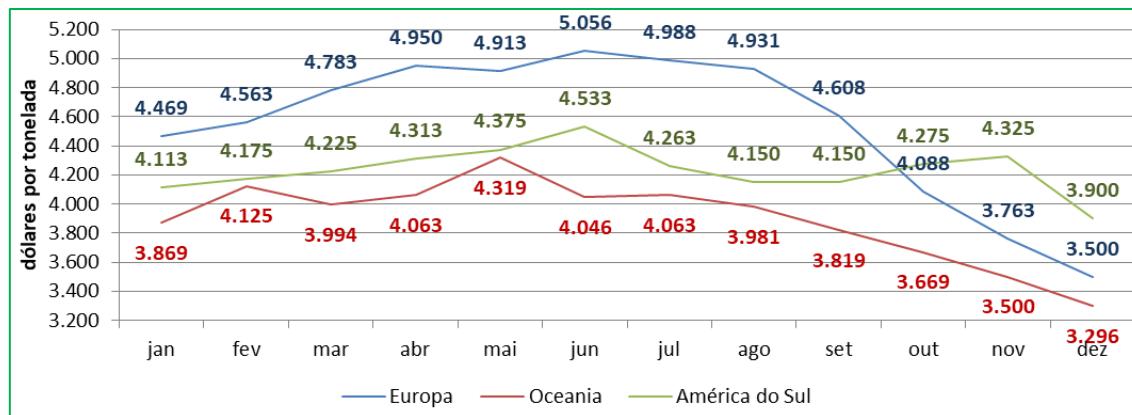


Figura 5. Valor FOB para o leite em pó integral

Valores médios mensais.

Fonte: USDA, janeiro/2025

Preços estaduais

Leite cru – Preço de referência Conselite e preço pago ao produtor Epagri/Cepa

No dia 19 de dezembro, o Conselite/SC realizou sua décima segunda reunião de 2025, em formato online, ocasião em que aprovou e divulgou os valores de referência para o mês de novembro, além de projetar os valores para dezembro. Para o leite padrão, os valores nominais foram, respectivamente, R\$2,1513/litro e R\$2,0348/litro, o que representa queda de R\$0,1165/litro.

Para dezembro de 2025, a Epagri/Cepa estimou o preço médio mais comum pago ao produtor em 2,06/litro, uma redução nominal de R\$0,13 por litro em relação ao valor de R\$2,19/litro registrado em novembro (figura 6). Para os primeiros dias de dezembro, a estimativa parcial para o preço pago pelo litro de leite ao produtor foi de R\$1,94, uma queda de R\$0,12/litro.

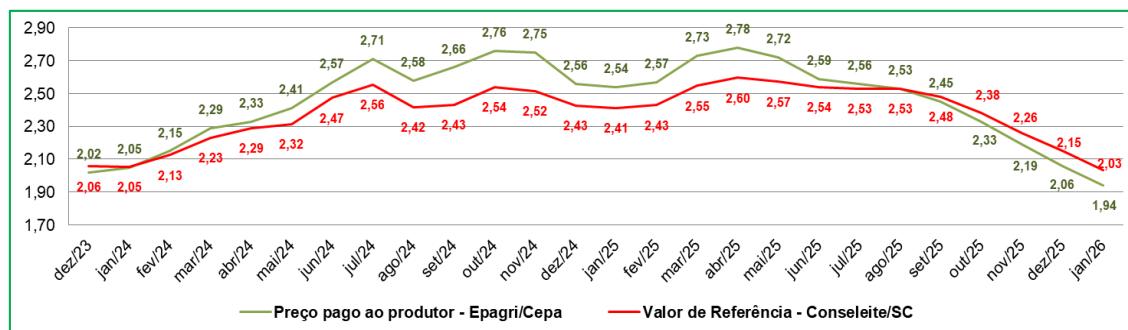


Figura 6. Leite – SC: evolução do preço médio nominal mensal ao produtor – (dez./2023 a jan./2026¹)

⁽¹⁾ Refere-se à média dos 10 primeiros dias do mês.

Fonte: Epagri/Cepa, janeiro/2025



Variação dos preços por praça

Em dezembro de 2025, quase todas as praças analisadas registraram variação mensal negativa no preço mais comum pago ao produtor pelo litro de leite em relação a novembro (tabela 2). A única exceção foi o Litoral Sul, que apresentou leve elevação de 1%, com o preço passando de R\$ 2,14 para R\$ 2,17 por litro. As quedas mais acentuadas ocorreram no Oeste (-12%), onde o valor recuou de R\$ 2,32 para R\$ 2,04, seguido pelo Alto Vale do Rio do Peixe (-8%), com redução de R\$ 2,11 para R\$ 1,93, e pelo Meio Oeste (-7%), cujo preço caiu de R\$ 2,18 para R\$ 2,02. Também foram observadas retrações no Extremo Oeste (-6%), no Litoral Norte (-2%) e na Grande Florianópolis (-3%), reforçando um movimento disseminado de desvalorização dos preços no período.

Na comparação com dezembro de 2024, os preços pagos ao produtor apresentaram queda real em todas as praças com informações disponíveis, evidenciando um cenário de retração anual generalizada. As maiores variações negativas foram registradas no Alto Vale do Rio do Peixe (-25%), no Oeste (-21%) e no Extremo Oeste (-20%). O Meio Oeste (-19%) e o Litoral Sul (-14%) também apresentaram recuos significativos, enquanto o Litoral Norte mostrou redução mais moderada (-2%). Para a Grande Florianópolis, não há dados disponíveis que permitam a comparação anual.

Tabela 2. Leite – Comparativo de preços pagos ao produtor por Praças em Santa Catarina (litro)

Praça	Dez. 2025	Nov.2025	Var.% mensal	Dez.2024	Var. % anual
Oeste	2,04	2,32	-12	2,57	-21
Extremo Oeste	2,01	2,13	-6	2,52	-20
Meio Oeste	2,02	2,18	-7	2,50	-19
Litoral Norte	2,44	2,49	-2	2,49	-2
Alto Vale do Rio do Peixe	1,93	2,11	-8	2,58	-25
Litoral Sul	2,17	2,14	1	2,53	-14
Grande Florianópolis	2,25	2,31	-3	-	-

Preço médio mensal corrigido pelo IGP DI.

Fonte: Epagri/Cepa, janeiro/2025

